

Denise Salomé Silva Pessoa

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias



Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado em Ciências da Comunicação - Jornalismo

Porto, 2018

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias

Denise Salomé Silva Pessoa

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias

Denise Salomé Silva Pessoa

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias

**Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Comunicação**

Sumário

Cada vez mais pessoas gostam e procuram o que é diferente, o chocante, porque estas temáticas apelam aos seus instintos e curiosidades. Os meios de comunicação social precisam de sobreviver. As notícias sobre crime são constantemente usadas para chocar e preocupar o público. As notícias de crime e a forma como a imprensa as escreve e divulga serão o principal foco de estudo desta dissertação. O “Fugitivo de Aguiar da Beira”, mais conhecido como Pedro Dias, será o tema explorado. Entre outubro e novembro de 2016, Pedro Dias, que mais tarde veio a ser conhecido por “Piloto”, foi o principal tema dos *media*, chegando mesmo a ultrapassar Donald Trump e as eleições americanas. Estando acusado de três homicídios na forma tentada, “Piloto” esteve fugido durante 28 dias. *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* e *Público* dedicaram, durante este período, muito do seu tempo a este caso e serão as notícias acerca do assunto que vamos analisar nesta dissertação. As autoridades policiais e a sua relação com os *media* são outro ponto de foco deste trabalho. Analisar-se-á a forma como as autoridades influenciam a comunicação social e vice-versa, bem como se o trabalho de algum deles é comprometido pelo outro.

Palavras-chave: Imprensa, Crime, Sensacionalismo

Abstract

More and more people like and search what is different, shocking and outrageous, because it appeals to their instincts and curiosity. The press needs to survive. Crime news are often used so they can shock and make people worried. The crime news and the way that the press writes and spreads them will be the main focus, of this dissertation. The “Fugitivo de Aguiar da Beira,” also known as Pedro Dias, will be the explored subject. Between October and November of 2016, Pedro Dias, who later came to be known as “Piloto” was media’s main focus, even surpassing Donald Trump and the American elections. Being charged with three homicides in the attempted way, “Piloto” was missing for 28 days. *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* and *Público* directed, during this period, their attention to this case and they will be the newspapers considered on this dissertation, since they are the three main portuguese media. The relationship between the police department and the media is another subject of this work. The author will analyze how far the authorities and the mass media can affect each others work and if that work can be compromised by one another.

Key Words: Press, Crime, Sensationalis

Dedicatória

Aos meus Pais, ao Gil e à Ju, à Regina, à Jéssica, ao Luís, à Liliana, às minhas meninas e meninos e à TFP

Agradecimentos

Para os meus pais porque isto, antes de ser por mim, é por eles. Porque eles investiram noites de sono, dinheiro e tempo para que esta dissertação pudesse ser feita, para que eu pudesse ser alguém.

Para o Gil e para a Ju, vulgo irmão e cunhada, pelo apoio, por estarem sempre lá, por serem um exemplo.

Para as minhas primas, por serem quem são a apoiarem em todos os momentos.

Ao professor Rui Estrada, um mestre que nunca criticou e sempre apoiou, desde o primeiro dia. Que sempre interveio de forma certa. Que sempre aconselhou da melhor forma.

Para a Liliana por ser o melhor exemplo, pela sugestão do tema no momento certo, por me ajudar e incentivar a fazer as coisas sozinha, por me mostrar que é isto que quero fazer.

Para a Regina, por me mostrar que com força, trabalho, dedicação e empenho é possível realizar sonhos.

Para as minhas meninas de CC, só porque sim e porque a distância é uma menina à nossa beira.

Para a Jéssica e para o Luís, pela companhia e por serem os melhores amigos do mundo.

Para a Universidade Fernando Pessoa e a todos os profissionais da instituição, por me formarem e fazerem de mim uma melhor pessoa. Pela formidável vida académica que me proporcionou e por todos os amigos que levo para a vida.

E, por último, mas não menos importante, para a “Bandolera”, “Barbie”, “Mocas”, “Cordas” “Rapunzel”, “Duende”, “Tofu”, “Gaitas”, “Bella”, “Paint”, “16”, “BuBu”, “Chamateia”, “Confetti”, “água ardente”, “ a do bombo” e “Tinquinqui”, porque juntas, somos um autêntico “Reportorius”, pelo apoio, pela descontração e animação, por me fazerem ver que a vida não é só trabalho e que ainda é possível criar projetos com futuro e com sucesso a partir do zero.

Obrigada!!

Índice

Introdução	11
I - Jornalismo de Referência vs Jornalismo Sensacionalista - Exemplos, Diferenças e	14
Semelhanças.....	14
1.1-Teoria da Notícia de crime - Como surgiu e como é elaborada.....	18
1.2 - Critérios de Noticiabilidade	21
1.3 - Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses	23
1.4 - As notícias e as autoridades policiais: problemas de comunicação entre o trabalho dos jornalistas e o trabalho das autoridades.	24
II- O “Piloto” - O caso, enquadramento e cronologia dos acontecimentos	27
2.1- 11 dias de Fuga	29
2.2 - A “entrega”	29
2.3 - Metodologia	30
2.3.1- O “Piloto” e o Público	31
2.3.2- O “Piloto” e o Jornal de Notícias	33
2.3.3 - O “Piloto” e o Correio da Manhã	34
III - O “Piloto” - Análise das Notícias nos vários jornais analisados	37
1- Fonte dos Artigos	39
2- Assinatura dos Artigos	42
3 - Presença de Fotografias nas Notícias.....	44
4- Presença de Factos falsos nos artigos	47
5 - Palavras ou Expressões subjetivas nos Artigos e Títulos utilizados.....	50
6 - Qual dos jornais melhor explica o caso do ponto de vista da informação/conceção das notícias	54
Conclusão.....	59
Bibliografia	61
Anexos	63
Apêndices.....	78

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Nº de Artigos analisados nos três jornais vs quantidade de fotos presente em cada artigo.

Tabela 2 - Nº de Breves, Entrevistas e Notícias presentes em cada jornal.

Tabela 3 - Nº de Reportagens vs presença do caso na capa dos jornais analisados.

Índice de Abreviaturas

CM - Correio da Manhã

JN - Jornal de Notícias

GNR - Guarda Nacional Republicana

CDJ - Código Deontológico dos Jornalistas

PSP - Polícia de Segurança Pública

CMTV - Correio da Manhã TV

F.A - Forças Armadas

Introdução

Os jornais, atualmente, vivem das notícias que dão “sumo”. Além disso, essas já despertam a atenção implícita do leitor, tirando assim trabalho ao jornalista de o fazer. As notícias escrevem-se todas da mesma maneira e, ao mesmo tempo, de maneiras diferentes, uma vez que ninguém escreve da mesma forma. Acontece o mesmo com as notícias de um crime. Relatar um crime não é fácil. Regemo-nos só aos factos? Só ao que aconteceu e ao que é notícia? Ou é também importante descobrir o que despoletou esse mesmo crime? E depois? Será importante saber a opinião dos demais envolvidos sobre o que aconteceu? E a opinião das autoridades policiais? E as consequências do que aconteceu? E a sentença? Foi bem aplicada? E o crime em si? Tem a força necessária para ser destaque de capa?

Jorge Pedro Sousa diz, no seu livro *Elementos do Jornalismo Impresso*, que “a principal função do jornalista, nos estados democratas de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes”. (Sousa, 2005, p.11).

Esta vigilância, a que se refere, será excessiva? E facilitará ou dificultará o trabalho das autoridades? Será assim tão importante relatar determinados factos do crime como, por exemplo, elementos da vida privada do suspeito? Como é que se sabe se é importante falar disto ou daquilo, ou seja, como é que sabemos o que é ou não notícia?

E os leitores? Porque sim, temos de pensar neles. Será que preferem ler o que aconteceu realmente e como aconteceu, ou tudo o que está por detrás? E o assunto em si? Perde interesse ao fim de um tempo, ou será que vale a pena voltar a “trazê-lo à baila”?

É sobre estas e a outras perguntas (que, entretanto, irão surgir) que a dissertação de mestrado que se segue vai incidir. O objetivo da mesma é responder a algumas questões que foram surgindo ao longo da pequena experiência da aluna no jornalismo.

O capítulo I tem como título Jornalismo de Referência vs Jornalismo Sensacionalista - exemplos, diferenças e semelhanças. Aqui são definidas as diferenças e semelhanças entre estes dois tipos de jornalismo através da análise de textos sobre a temática e de exemplos explicativos. Integrado, ainda, no mesmo capítulo, vai ser possível compreender o que é uma notícia de crime, como obteve esta designação e como é elaborada, e quais são os critérios de noticiabilidade pelos quais os jornalistas

se regem. O código deontológico dos Jornalistas Portugueses (CDJP) será também abordado neste capítulo.

“Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico. O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência”. (Traquina, 1997, p. 27).

A parte prática desta tese de mestrado centra-se num acontecimento muito semelhante ao que acima é referido, o caso de Pedro Dias, o “piloto” suspeito de cinco homicídios (três na forma tentada) em Aguiar da Beira, e que fugiu às autoridades durante 28 dias - entre 11 de outubro e 8 de novembro de 2016.

No capítulo II, a que chamei o “Piloto” - o caso, enquadramento e cronologia dos acontecimentos, são analisados ao detalhe, nos jornais de referência (*Público e Jornal de Notícias*) e num jornal sensacionalista (*Correio da Manhã*), todos os problemas que a comunicação social e as autoridades policiais enfrentam, de que a falta de comunicação é o maior exemplo. Aqui entra a velha questão: o que a comunicação social divulga, poderá beneficiar o suspeito que está a monte?

Por fim, e em sequência, vou rever a entrega do “Piloto” que se deu de uma forma muito pouco comum e relevante. No dia oito de novembro de 2016, e depois de quatro semanas de fuga, Pedro Dias entregou-se à RTP (o canal de televisão público de Portugal), mais concretamente a uma jornalista: Sandra Felgueiras. Porque terá escolhido esta forma caricata de entrega? É o que vamos tentar perceber.

CAPÍTULO I

I - Jornalismo de Referência vs Jornalismo Sensacionalista - Exemplos, Diferenças e Semelhanças

Jornalismo deveria ter apenas uma definição e apenas uma maneira de ser praticado. No entanto, e como podemos constatar atualmente, tal não acontece, pelo que é possível dividir o Jornalismo em jornalismo de Referência e em jornalismo Sensacionalista.

O jornalismo informativo surgiu no séc. É um jornalismo caracterizado por privilegiar os factos em detrimento dos comentários e defende o trabalho de pesquisa e de contraste das informações antes de se publicar uma notícia.

No livro *Os Jornalistas Portugueses - Dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais*, Sara Meireles Graça define os jornalistas como “aqueles que, como ocupação principal, permanente e remunerada, exercem funções de pesquisa, recolha, seleção e tratamento de factos, notícias e opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados à divulgação informativa pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por outra forma de difusão eletrónica”. (Graça, 2007, p. 157).

O problema aqui é que os factos, as notícias e as opiniões a que a jornalista se refere nem sempre são tratados com critério e rigor, sendo, por vezes, considerados notícia conteúdos que, definitivamente, não o são. A informação tende a ser tratada apenas como um produto comercial, ou seja, é alterada para dar dinheiro e para chamar a atenção perdendo, assim, todo o seu rigor e credibilidade inata. Penso que tal facto se deve, também, ao surgimento do ciberjornalismo.

As redações parecem ter perdido o seu “estatuto de nobreza” num contexto em que se exige que “os comunicólogos” tratem por igual as expectativas de entretenimento do público.

Ora, este “estatuto de nobreza” está a ser cada vez mais extinto, e o que, supostamente, se espera de um bom profissional de jornalismo está a perder-se. “Espera-se dos jornalistas que produzam formas de conhecimento ligadas à informação pública da realidade. Deste modo aqueles obtêm um “largo reconhecimento social e institucional”, enquanto mediadores, em que a esfera pública deposita o exercício de um bem comum. Confia-se a estes profissionais o ato da informação pública e, em troca, exige-se-lhes honestidade e verdade. Reconhece-se-lhes, por isso, um certo poder. A exigência do “imediatismo” de informação tende a diminuir o espaço ligado à reflexão e à cultura”. (Graça, 2007, pp. 23-24).

Esta situação, deve-se, assim, ao facto de, “hoje em dia, tudo indicar que podem estar em causa não só fortes alterações na composição morfológica dos jornalistas e da sua forma de trabalho, mas, principalmente, a conceção do jornalismo”, até porque “todo o habitat em que os jornalistas produzem informação está a remodelar-se profundamente”. (Graça, 2007, p.15).

As fontes de informação podem ser de todo o tipo: oficiais (instituições, órgãos de polícia criminal, etc...) e não oficiais (contactos pessoais que se vão adquirindo como polícias, advogados, juízes e procuradores). Todavia, têm de ser confirmadas antes de serem tomadas como certas.

Pierre Bourdieu foi um dos pensadores que mais asperamente, e levando a sua lógica centrada na importância dos interesses até ao limite, “expôs uma visão cáustica do mundo dos jornalistas, a ser incluído, bem como todos os seus seguidores, entre os “linchadores dos media” pela irritação que as suas análises causavam no meio jornalístico. Bourdieu considerava que os jornalistas, submetidos à ditadura do mercado e das audiências, acabavam por ter interesse em promover o “comercial” em detrimento do “puro” e arrastavam consigo todos os restantes campos de produção cultural. (Graça, 2007, p.15).

Mário Mesquita acaba por concordar. Na sua análise acerca do código deontológico do jornalismo —que deveria ser cumprido por todos os profissionais— afirma que crê que “muitos profissionais de comunicação consideram a deontologia inútil e até prejudicial às carreiras e aos objetivos de atingir melhores níveis remuneratórios, sobretudo quando trabalham em empresas jornalísticas que valorizam a informação apenas enquanto mercadoria e desprezam a dimensão da credibilidade. Porque se os objetivos das empresas se traduzirem em incentivar o desprezo pelas normas deontológicas, se os jovens estagiários forem estimulados pelos editores, na televisão, rádio e nos jornais, a ignorarem os princípios básicos do jornalismo, então deixemo-nos de hipocrisias ... - estarão reunidas condições para a inutilidade da deontologia nestes tempos de euforia mediática.

Assim, estando os jornalistas circundados pelos interesses dos poderosos patrões dos média, a questão fica em determinar até que ponto as pressões destes empresários, das suas fontes acarinhadas dentro da empresa mediática, se conseguem sobrepor aos valores profissionais, à autonomia e responsabilidade social dos jornalistas”. (Mesquita, cit.in Graça, 2007, p. 27).

O número de empresas a que se refere está, infelizmente, a aumentar a olhos vistos porque o mercado assim o dita: “Os jornalistas fazem parte de um mundo mais vasto e complexo de produção de notícias onde, no mesmo jogo, entram jornalistas, empresários dos media, as fontes com os seus interesses particulares e todas as regras de produção e tratamento dos acontecimentos. Todos sofrem com as transformações inerentes às novas exigências do mercado e das potencialidades das novas tecnologias”. (Graça, 2007, p.28)

Atualmente multiplicaram-se as exigências profissionais dos trabalhadores, que agora trabalham para uma audiência ilimitada, dispersa e que se vê constantemente obrigada a renovar as suas práticas para satisfazer um mercado saturado de informação.

Diz, então, Paquete de Oliveira que “é evidente que quando se toma consciência do volume de negócio, obviamente é de negócio que estamos a falar e secundariamente de informação/comunicação. (Paquete cit.in Graça, 2007, p. 98).

Vemos, assim, que as prioridades se estão a inverter. O importante agora é o volume de negócio e só, secundariamente, a informação/comunicação. Chegamos a uma altura em que é mais importante difundir notícias em série e de formato “*soft*” do que ser fiável, analítico ou contextualizador. O importante, agora, é manter a interatividade com muita audiência [por consequência menos exigente]. O jornalista tem, então, de se adaptar à nova tecnologia como “canalizador” da informação recebida de outros centros de difusão externos.

“A internet tornou permeável e vulnerável a informação ética, ao serviço do interesse geral substituindo-a progressivamente pela informação estratégica, a bem de interesses particulares, políticos e comerciais”. (Graça, 2007, p. 114)

A forma abrupta como a internet chegou às redações e transformou a forma como se faz jornalismo fez com que os jornalistas não tenham tido tempo de se adaptar às novas técnicas, o que pode ser um dos principais problemas do ciberjornalismo. “As novas tecnologias terão mesmo funcionado como “catalisadores da complexidade” profissional (...). Longe de simplificarem, racionalizaram e renovaram em profundidade as tarefas que se exige ao jornalista contemporâneo, impuseram-lhe mutações tão fortes que acabaram por lançá-lo para uma nova crise. Em vez das ferramentas tecnológicas terem ajudado a recompor um ofício, já de si desestruturado, tornaram-no ainda mais disperso e complexo”. (Graça, 2007, p.112).

O ciberjornalismo exige, assim, aos profissionais, pluridisciplinaridade profissional. Longe vão os tempos em que existiam apenas jornalistas de economia, política ou cultura. Agora todos têm de saber sobre tudo: “Esta polivalência de funções pressupõe, além de numerosas habilitações práticas, uma boa preparação e uma excelente cultura geral, um espírito de síntese/avaliação e um saber fazer inquestionáveis para fazer face a todas as solicitações profissionais exigidas. Em vez disso, o corpo profissional parece privilegiar a manutenção de um discurso mais “profissionalista”, apostado no fecho de fronteiras fictícias. Mais empenhado em distinguir os “verdadeiros” jornalistas (os tradicionais, logo os “puros”) dos “falsos” (os novos produtores multimédia, logo “impuros”), do que em definir estratégias de ação”. (Graça, 2007, p.115).

Querirá isto dizer que os novos media são constituídos por “falsos” jornalistas? Ou que se produz um jornalismo falso? Na minha opinião não. O novo jornalismo é produzido por profissionais polivalentes, capazes de desempenhar várias funções ao mesmo tempo. O problema é que, para esse jornalismo poder ser efetuado, tem uma grande pressão do mercado, porque tem de vender. Os espectadores não estão interessados em notícias verdadeiras, mas sim em acontecimentos inesperados, esmiuçados ao mais ínfimo pormenor. A solução passa, talvez, por educar novamente os leitores/telespectadores para o consumo de informação verdadeira, ética e correta, em detrimento da informação falsa e cheia de sensacionalismo. Como afirma Noblat “Vocês não são pagos nem serão pagos pelo número de linhas que escreverem. Serão pagos por boas histórias que descobrirem. E por contá-las bem, não importa como”. (2003, p. 37)

1.1-Teoria da Notícia de crime - Como surgiu e como é elaborada

O medo do crime emergiu como objeto distinto no campo dos estudos da criminologia após os anos 60 e é um tema que tem vindo, até aos dias de hoje, a suscitar o interesse dos investigadores.

“Tudo parece indicar que o medo do crime esteja mais ligado a aspetos como a maior visibilidade da ação criminosa, o protagonismo e o sensacionalismo a ela associados através do tratamento que lhe é dado pelos meios de comunicação social e até pelo discurso político e pela forma como, por vezes, são implementadas certas práticas e políticas de segurança”. (Hummelsheim, cit in Nunes *et al.*, 2017, p. 94).

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa pode-se definir crime como “Ato contrário à lei”, “transgressão ou delito maior ou menor, previsto e punido pela lei penal” e o criminoso como a “pessoa que cometeu ou concebeu um ato condenável, uma infração à lei, um crime maior ou menor.” O próprio Código Processual Penal Português¹ define crime como o “conjunto de pressupostos que levam à aplicação de uma pena”.

Cristina Carmona Penedo introduz o seu livro *O crime nos Media* com a seguinte frase: “O crime revela-se como matéria muito apelativa no resgate da atenção do público, tendo em conta o potencial dramático e emotivo das suas histórias, através das quais se perscruta o lado mais sombrio e enigmático da natureza humana, acicatando os olhares mais voyeuristas, exacerbando sentimentos”. (Penedo, 2003, p. 10).

Por esta razão, os jornais optam por dar grande ênfase às notícias de crime porque esse lado errado da vida tem impacto no público e provoca sensações. Podemos dizer que é [o crime] um “desvio à norma”, “a fuga à regra imposta, o comportamento inaceitável por uma sociedade que percebeu como só pode substituir em conjunto, em sintonia de princípios. É o imoral, o anormal, o criticável e condenável. É sangue, é carmim, é fúria incontida, é passional, irracional ou premeditado, é o que não pode ser ... ou não deve”. (Leandro, 2012, p. 78).

¹ Código Penal - http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tabela=leis

Assim, as notícias de crime têm um grande potencial de noticiabilidade que “ganha uma maior ênfase se tivermos em linha de conta as leis do mercado concorrencial que dominam o espectro dos mass media e a sua consequente apetência para as histórias e ícones de grande impacto, onde a violência sobressai como um estímulo muito poderoso”. (Penedo, 2003, p.13).

Em outubro de 2016 era uma jovem estagiária de jornalismo na Agência Lusa de Notícias, no Porto. Neste mesmo mês Pedro João Ribeiro Costa Pinho Dias haveria de mudar o panorama criminal português e de provocar uma enorme rebelião numa redação que estava, na data, sossegada.

Durante 28 dias “piloto” (como viria a ser conhecido), suspeito de dois homicídios, foi o homem mais procurado do país e, consequentemente, alvo principal da atenção de todos os meios de comunicação social. Por esses dias, tudo o restante não interessava. Todos os pormenores do caso eram importantes (apesar de nem tudo o ser).

Nesses dias aprendi que um caso mediático como este revela, ao mesmo tempo, o lado bom e mau desta profissão tão nobre. Por um lado, dá “estaleca” para saber lidar com assuntos de “peso”. Dá para perceber o rebuliço que uma redação passa numa situação inesperada como esta. De um momento para o outro metade dos profissionais foram destacados para Aguiar da Beira (local dos crimes), e os que não foram trabalham no caso na redação, porque é necessário mostrar tudo o que está a acontecer.

O caso de Pedro Dias, tão esmiuçado pela Comunicação Social, é considerado um “megaprocessos” — casos que, em regra geral, envolvem um elevado número de arguidos, reúnem inúmeros crimes alegadamente cometidos e, pelo trabalho inerente dos próprios meios de justiça, prolongam-se durante meses ou anos.

Quando acontecem casos que se enquadram nesta definição o profissional de jornalismo tem tendência a recuar aos seus primórdios, em que os jornais recorriam frequentemente a situações de crime para preencher as suas primeiras páginas. Nestas situações os factos podem ser explorados continuamente. Por exemplo, “um crime ocorrido ontem é uma notícia: a prisão do assassino, hoje ou amanhã, é outra. Foram necessárias duas reportagens para relatar o caso. Mas poderiam ser três, quatro, dez ou até mais, segundo a importância do assunto e as suas dificuldades de solução”. (Norberto, s.a, p. 58).

Nestes “megaprocessos” é importante “perseguir os factos” e “arrancar a notícia da notícia”. Manter-se atento às informações e fatos inesperados. “O repórter, aliás, tem a obrigação de transformar pequeninos nadas em grandes notícias. (...) Contudo, nem tanto à terra nem tanto ao mar. Persiga o fato, arranque a notícia e dê muitos “furos”, mas se acautele, também, com unhas e dentes, contra as notícias falsas”. (Norberto, s.a, p.125).

Notícias “falsas” foi o que não faltou no Caso de Pedro Dias. Como esteve em fuga durante quatro semanas foram inúmeros os relatos de avistamento, que se revelaram, depois, falsos. Cabe, nestas situações, ao jornalista, anunciar os factos apenas quando confirmados por fontes oficiais, como, por exemplo, as autoridades policiais, tendo o direito, sempre, de preservar as suas fontes através do sigilo profissional.

“Em várias ocasiões e latitudes numerosos jornalistas têm, de facto, enfrentando processos de natureza criminal por persistirem na defesa do sigilo profissional, e alguns deles têm sido condenados por esse motivo, sobretudo quando no caso concorrem os delicados interesses de segurança dos Estados (que têm fundamentado leis de exceção e que, segundo alguma jurisprudência, suspenderiam as prerrogativas legais dos jornalistas em matéria de sigilo). (Pina, 2000, p.84).

1.2 - Critérios de Noticiabilidade

São considerados critérios de noticiabilidade (também denominados valores - notícia) todos os critérios que têm como função, numa linguagem laica, distinguir o que é considerado notícia do que não é. Estão, assim, presentes na seleção das notícias, mas podem ser, também, utilizados para facilitar a elaboração do que é considerado notícia, facilitando assim o trabalho do jornalista.

“Os valores-notícia, enquanto componentes da definição de noticiabilidade dos acontecimentos e enquanto elementos incrustados na cultura profissional dos jornalistas, não constituem todos, necessariamente, um impedimento à atividade jornalística; pelo contrário, sem o recurso a grande parte deles a prática profissional seria muito mais complexa e menos produtiva”. (Correia, 2000, p.139).

Então, como é possível saber se algo é considerado notícia ou não? Através dos critérios de noticiabilidade que se articulam, essencialmente, nos fatores importância e interesse da notícia. “Sendo simultaneamente qualidades dos acontecimentos e da construção jornalística, os valores-notícia aplicam-se em todas as fases da atividade jornalística, ou seja, na recolha, na seleção, na elaboração e na apresentação da informação”. (Correia, 2000, p.137).

Um acontecimento é, assim, considerado importante quanto maior for o grau e “nível hierárquico” dos indivíduos envolvidos, ou seja, se envolver o presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, por exemplo, já se torna, à partida, um acontecimento com grande grau de probabilidade de ser tornar notícia. Mas só isto não basta.

Tem, também, de ser algo considerado atual, ou seja, para algo ser notícia tem de ter acontecido perto da hora a que é publicado, e tem de adequar o vocabulário para futuras mudanças que possam suceder. (Se tiver acontecido um acidente e tivermos a informação que ocorreram duas mortes, mas não tivermos confirmação do sexo da pessoa, da idade ou identidade, essa informação não deve ser transmitida porque se sabe, à partida, que este é um tema que pode vir a sofrer alterações).

Depois de decidir se algo é notícia ou não, é preciso “arranjar forma” de a escrever da melhor forma. Assim, isto é possível fazer-se através de dois pontos de vista distintos: a importância (ou significado) e o interesse. E como é que é possível avaliar de determinado acontecimento é ou não importante/interessante?

Fernando Correia diz, no seu livro *Os Jornalistas e as notícias*, que a avaliação da importância não é fácil. “Avaliar a importância pode não ser fácil, nomeadamente quando ela, por qualquer razão, não salta imediatamente à vista. E é ainda mais difícil quando a importância de um acontecimento só é verificável em função dos seus desenvolvimentos futuros”. (Correia, 2000, p.140).

Assim, recorrem-se a vários fatores para ajudar a definir este conceito: “Um primeiro é a posição hierárquica dos indivíduos em causa. Além das pessoas, este fator pode também ser aplicado, por exemplo, a instituições e países”, e um segundo, diz respeito à eventual influência sobre o interesse nacional que esse acontecimento possa ter. (Correia, 2000, p.140).

Dois outros fatores relativos à importância do conteúdo das notícias referem-se ao número de indivíduos envolvidos no acontecimento e “à relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação”. (Correia, 2000, p.144).

Já o interesse (público e do público) “caracteriza-se por valores que não têm a ver com o significado (político, social, cultural, etc.) do acontecimento, mas sim com a capacidade que este tem, na opinião dos jornalistas, de suscitar a curiosidade e prender a atenção do público”. (Correia, 2000, p.144). Podemos dizer que, neste caso em estudo específico foi este fator (o interesse) e não tanto a importância que prevaleceram.

“É evidente que muito pode depender da própria capacidade profissional do jornalista em saber conciliar a eventual importância do acontecimento com o interesse da abordagem. Tentar permanentemente esta conciliação constitui, aliás, uma indispensável estratégia de um media que não se feche sobre si próprio e entenda que, se não conseguir conquistar o interesse do público, perde a sua razão de existir enquanto órgão de informação integrado numa indústria cultural”. (Correia, 2000, p.146).

Como se irá falar mais à frente, o caso em estudo desta dissertação trata-se de um crime e, implicitamente, de uma notícia negativa. Correia afirma, então, que “aquilo que é positivo é mais difícil de mostrar e leva mais tempo, enquanto o negativo é mais fácil e mais rápido pois aquilo que é positivo para uns pode não ser para outros, ao passo que sobre o negativo existe mais consensualidade; aquilo que é negativo é geralmente mais inesperado e mais imprevisível. Verifica-se assim que as notícias negativas se revestem de características que as tornam mais adequadas e mais convenientes à inclusão nos noticiários, indo ao encontro de valores - notícias de critérios (a valorização do diferente, do chocante, do que foge à rotina e à norma, do sensacional) capazes de garantir uma melhor satisfação do público e de aumentar as audiências.” (Correia, 2000, p.147).

1.3 - Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses

*“Os códigos deontológicos não são a solução milagrosa que pode resolver todos os problemas éticos da prática jornalística concreta, mas constituem um momento fundamental da consciência desses problemas por parte dos jornalistas (e das empresas jornalísticas, já que, em alguns países, são as próprias empresas, quando não mesmo os governos, que tomam a iniciativa de se fazer aprovar) e, desse modo, eles são o contributo decisivo para um jornalismo capaz de corresponder à sua função social fundamental em Democracia: assegurar o direito dos cidadãos a serem informados”.*²

Possui dez pontos e foi aprovado no dia quatro de maio de 1993. Neste caso em estudo específico, o caso de Pedro Dias, deve ser tomado em conta, no que diz respeito a vários fatores.

No que às fontes de informação diz respeito o número seis do código afirma que “O jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação, nem desrespeitar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas. As opiniões devem ser sempre atribuídas”.

A verdade e a honestidade são abordadas logo no número um do código de 93. “No seu nº 1, os jornalistas constituem-se no dever de “relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade” e, logo após (nº 2), no dever de rejeitar o sensacionalismo. Num e noutro artigo enumeram-se ainda outros deveres afins, relativos à contraprova, à distinção entre a notícia e a opinião, à censura, à acusação sem provas e ao plágio. (Pina, 2000, p.93).

O caso de Pedro Dias esteve repleto de factos duvidosos, pois estes eram quase que “ínatos” ao acontecimento em si. O Código Deontológico³ diz, em relação a este, que “o jornalista deve só mencionar um facto ou circunstância cuja exatidão não possa imediatamente comprovar se o interesse público, iniludivelmente, o impuser, fazendo menção expressa da sua natureza dubitativa”. (Pina, 2000, p. 119).

Ao longo desta dissertação vai ser analisado se os jornais *CM*, *JN* e *Público* cumprem o que o Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses determina, no que a este caso em específico diz respeito

² Ver link: cs-0409.blogspot.pt/2007/05/tica-e-deontologia-no-jornalismo.html

³ Ver Código completo em anexos

1.4 - As notícias e as autoridades policiais: problemas de comunicação entre o trabalho dos jornalistas e o trabalho das autoridades.

Nos últimos anos tem-se notado uma aproximação da justiça à comunicação social, apesar do “lado fechado” que as autoridades policiais e os tribunais detêm. Os juízes, procuradores e advogados também podem ser considerados fontes para os jornalistas, que têm de aprender a lidar com estes profissionais de forma amistosa.

Atualmente a relação com os operadores de justiça está a melhorar e a tornar-se mais aberta. É necessária uma relação amistosa, mas não promíscua entre jornalistas e fontes. O respeito pelas fontes exige tempo, adquirindo confiança. (Leandro, 2012, p. 75).

O caso de principal enfoque desta dissertação é, nas palavras da ex-ministra da administração interna, Constança Urbano de Sousa, um “*reality show*”, precisamente porque considera que a comunicação social fez do caso de Pedro Dias uma espécie de “novela”.

“É preciso deixar as polícias trabalhar”, declarava, na altura, referindo-se à forte pressão que as autoridades policiais estavam a sofrer por parte dos media reconhecendo, no entanto, que o caso era “naturalmente complicado e complexo, dada a área de intervenção e todas as circunstâncias”. Este problema a que Urbano de Sousa se refere deve-se, principalmente, à falta de comunicação entre as autoridades policiais e a comunicação social. (Laranjo, 2017, p.94)

Os jornalistas vêm-se “obrigados” a tentar obter informação que consideram relevante e importante, porque têm o dever de informar. Por outro lado, as autoridades policiais têm o dever de preservar o sigilo e fazer com que o mínimo de informação “saia cá para fora”, pois isso pode pôr em risco toda uma operação.

Pedro Dias poderá ter tido acesso a tudo o que as autoridades sabiam do seu paradeiro e de todas as pistas que estavam a seguir quando esteve fugido, através dos meios de comunicação social (rádio, TV ou jornais). Na verdade, naqueles dias o caso era o principal assunto falado no país e é muito provável que o “Piloto” tenha tido acesso a essa informação.

Tânia Laranjo, jornalista que acompanhou o caso desde o início para o canal CMTV e que escreveu, posteriormente, um livro acerca do assunto, intitulado *O Fugitivo, A História de Pedro Dias*, afirma que “ao revelarmos tudo na CMTV estávamos também a contar a Pedro Dias o que as autoridades

sabiam, todas as pistas que possuíam e as linhas de investigação que iam seguir”, dizendo, também, que não é a primeira vez que se debate com esta dúvida e que já em outros momentos guardou informação relevante para não prejudicar o trabalho da judiciária. (Laranjo, 2017, p.88).

Relata, no mesmo livro, uma situação que vivenciou e que demonstra este mesmo problema: “Uma carrinha da GNR com cães pisteiros preparava-se para lançar uma equipa para uma zona de mato, mas, de cada vez que os jornalistas se aproximavam, os militares entravam no carro e mudavam de rua, sempre de forma contínua e absolutamente desconcertante. Não faziam buscas porque estavam mais preocupados em despistar a comunicação social. Pedro Dias ganhava, porque se mantinha escondido.” (Laranjo, 2017, p. 86). Para além da CMTV foram inúmeros os meios de comunicação social a “acampar” nos locais em que o Piloto estava a ser procurado.

Laranjo chega mesmo a afirmar que “Em alguns momentos, a presença de tantos canais chega mesmo a tornar as buscas confusas” porque “há momentos de perseguição a carrinhas da GNR e os carros de exteriores, devido à sua dimensão, travam alguns acessos a localidades” (Laranjo, 2017, p.86), o que demonstra que é muito difícil conseguir chegar a um consenso entre estas duas profissões.

É, assim, necessário respeito e compreensão entre estas duas distintas áreas para que consigam colaborar e trabalhar em conjunto, em prol de um objetivo em comum: o sucesso.

CAPÍTULO II

II- O “Piloto” - O caso, enquadramento e cronologia dos acontecimentos

*Há grandes histórias que começam com muito menos e outras que, com muito mais, acabam por não ter sustentação. O jornalismo faz-se de histórias e todas devem justificar o nosso empenhamento, na consciência de que uma notícia se pode perder pouco depois na espuma dos dias ou ainda mais depressa na sua irrelevância.*⁴

Em outubro, de 2016 Portugal acordava com a notícia de dois homicídios em Aguiar da Beira, uma pequena vila pertencente ao distrito da Guarda. O principal suspeito, que esteve em fuga durante 28 dias, era Pedro João Ribeiro Costa Pinho Dias, 44 anos, natural de Arouca, Aveiro. No seu cadastro constam alguns crimes como falsificação de cheques e prática de violência doméstica, mas nada tão grave como a suspeita deste crime.

Ao início da tarde de dia 11 de outubro de 2016, a imagem da sua carta de condução passa em todos os noticiários, poucas horas depois dos corpos de um militar e de um civil terem sido encontrados em Aguiar da Beira.

Carlos Caetano, 29 anos, natural de Penalva do Castelo e militar da GNR estava de serviço nessa tarde juntamente com um colega, António Ferreira, militar de 41 anos que terá sobrevivido e deu o alerta. O primeiro é encontrado no interior da bagageira do carro patrulha, vítima de um tiro na cabeça. No seu bolso das calças foi encontrada a carta de condução de Pedro Dias. Imediatamente, a Guarda Nacional Republicana lança uma “caça ao homem” e a imagem da carta de condução do suspeito é difundida em todos os órgãos de comunicação social em poucas horas.

O primeiro local de buscas por parte da GNR é junto à quinta onde Pedro Dias teria sido abordado pelo carro patrulha do colega Carlos Caetano. Encontram o carro do presumível homicida com duas pessoas no interior, não identificadas. Um casal de jovens, um deles morto. São, posteriormente, identificados como Luís Pinto e Liliane, ele com 29 e ela com 26 anos. Ele, tesoureiro da Junta de Freguesia de Palhais e construtor civil morreu no local e ela, funcionária da Unidade de Cuidados Continuados de Aguiar da Beira, em estado muito grave foi ainda transportada para o Hospital de Viseu, mas os médicos já faziam testes para confirmar a possibilidade de morte cerebral. Viria a morrer em abril deste ano.

⁴ Laranjo, 2017, p. 7

Entretanto o suspeito encontrava-se a monte e a GNR fazia de tudo para o encontrar. A “caça ao homem” foi tão badalada que começaram a surgir inúmeros testemunhos (alguns que depois se viriam a revelar falsos) do avistamento do suspeito.

A notícia da fuga de Pedro Dias atravessa fronteiras e é o país vizinho o primeiro a avançar que o suspeito poderá estar em Espanha. Um *carjacking* na província de Salamanca, no dia 13 de outubro e não muito longe da fronteira faz despertar as suspeitas que, como em vários testemunhos posteriores, se revelaram falsas o que leva a judiciária a suspeitar que o fugitivo poderia estar a receber ajuda, e a procurar eventuais cúmplices.

Até que chegámos a 16 de outubro, domingo, três dias depois, onde podemos dizer que se aplica a célebre frase que o criminoso volta sempre ao local do crime. Quando as buscas começam a esmorecer eis que “Piloto” comete um erro.

Por volta das 13:00 da tarde Lúcia da Conceição chegou a casa da mãe em Moldes, Arouca. Vinha arejar a casa porque ambas moravam há vários anos no Porto e as visitas eram cada vez menos frequentes. Foi surpreendida por Pedro Dias, que se encontrava em sua casa, em pleno almoço.

Mais tarde Lúcia da Conceição foi encontrada pelos investigadores. Estava ferida. Tinha sido pontapeada e esmurrada, e a sua cabeça tinha sido atirada contra a parede. Só não morreu porque um vizinho ouviu gritos e entrou também em casa. O “Piloto” reagiu rápido. Amarrou o casal e fugiu no carro do homem, um Opel Astra. Pelas 19:30 desse dia o Opel Astra que Pedro Dias tinha roubado foi detetado pela GNR em Vila Real. A matrícula até já tinha passado em todos os noticiários. A GNR inicia uma perseguição ao automóvel, mas Pedro Dias consegue, novamente, fugir.

Esse mesmo automóvel viria, posteriormente, a ser detetado por um morador, na tarde do dia seguinte em Carro Queimado, Vila Real. No carro há manchas de sangue. A Judiciária admite que o suspeito tenha fugido a pé e que conheça o terreno. É feita uma batida e os polícias tentam delimitar a área, mas nada é encontrado e, nesta altura as pistas são escassas, até à manhã seguinte.

Em Assento - uma localidade pertencente à Freguesia de Vale de Nogueiras, Vila Real - uma moradora diz ter visto um homem vestido de vermelho, sentado sobre um monte de telhas num terreno privado. Afirma parecer Pedro Dias, ainda que o tenha avistado a mais de 200 metros de distância. É

feita uma nova perseguição. Com a chegada da primeira patrulha o homem vestido de vermelho começa a correr pelo monte. Não o conseguem apanhar, mas a GNR assegura que se trata do homicida de Aguiar da Beira.

Ao fim de dez dias de fuga as autoridades pensam que o suspeito já estará cansado e acreditam que pode ser mais fácil, por isso, capturá-lo.

2.1- 11 dias de Fuga

Vinte e dois de outubro de 2016, sábado, onze dias de fuga. À hora de almoço a GNR alerta a PJ de um acontecimento estranho. O caseiro da Quinta da Eira - uma grande moradia desabitada - apercebe-se que alguém entrou na casa durante a semana. Existem sinais de terem sido feitas refeições e vestígios de sangue numa janela da casa de banho por onde o intruso poderá ter acedido ao interior. A primeira suspeita é de que terá sido Pedro Dias. Durante horas a casa é revistada e são recolhidos vestígios.

O sangue encontrado na janela não pode ser comparado para se saber se se trata efetivamente do suspeito porque a família se recusou a fornecer amostras de ADN. O “Piloto” continua a ganhar terreno. Apenas se sabe que terá roubado uns cobertores e uns binóculos da moradia isolada. Os dias que se seguiram foram marcados, em termos de informação, por muitas confusões.

2.2 - A “entrega”

A Terça-feira, 9 de novembro de 2016, foi o dia que ficou marcado pela rendição do suspeito. No nº 2 da Rua dos Bombeiros Voluntários, em Arouca, vivia Fátima Reimão, amiga de longa data da família do “Piloto”. Foi esta a casa escolhida por Pedro Dias para se refugiar e, posteriormente, se entregar.

Às 19:00 horas desse dia dois carros estacionaram ao lado da casa de Fátima Reimão. De um Jaguar Azul e de um Toyota Yaris cinzento saíram sete pessoas. Duas horas depois Almeida Rodrigues, diretor nacional da Polícia Judiciária (e que se encontrava na Indonésia) recebe a informação que Pedro Dias quer entregar-se. Existem jornalistas presentes e Mónica Quintela - advogada do suspeito

- faz exigência acerca das equipas que quer que estejam presentes no momento da detenção. A entrega de Pedro Dias acaba, então, por ser um exclusivo da RTP.

Numa entrevista a Sandra Felgueiras, jornalista do canal de televisão público, afirma estar inocente. “Entreguei-me para não ser morto”, garantiu. Esta entrevista, conseguida por Sandra Felgueiras, que persuadiu o arguido a dar-lha, não estava planeada e apanhou desprevenida Mónica Quintela que tinha definido o silêncio como estratégia de defesa do seu cliente.

Perto das 22 horas Pedro Dias seguiu para o departamento da Polícia Judiciária da Guarda, onde permaneceu até às três da manhã. Acompanhado dos advogados, o arguido estava indiciado pela prática de cinco homicídios - três tentados e dois consumados- mas recusou-se a fornecer amostras de ADN que seriam posteriormente úteis para a investigação. O dia seguinte foi dia de interrogatório.

2.3 - Metodologia

Para a realização do estudo enunciado é necessário definir um período de análise pertinente e exequível, assim como uma amostra também pertinente e objetiva, de forma a definir um rumo e os instrumentos a utilizar no trabalho, para se conseguir um resultado coerente, coeso e fidedigno.

Assim, foram analisadas 44 peças jornalísticas, juntamente com a análise das vezes em que o caso foi noticiado na capa de 3 jornais generalistas impressos (*O Público*, *o Correio da Manhã* e *o Jornal de Notícias*) durante o período de 12 de outubro de 2016 a 9 de novembro de 2016, o espaço de tempo em que Pedro Dias esteve em fuga até à data da sua entrega.

Foram escolhidos três jornais nacionais generalistas, um considerado de referência (*o Público*), um considerado sensacionalista (*Correio da Manhã*) e um que se situa algures no “meio” (*Jornal de Notícias*), para assim poder ser possível analisar notícias sobre a mesma temática e no mesmo período de tempo em três jornais de diferentes critérios editoriais.

Relativamente a dados quantitativos, foi quantificado o número total de artigos, em particular, o número total de notícias, breves (notícias curtas de 1 ou 2 parágrafos e, normalmente, destacadas numa caixa de texto), entrevistas e algumas reportagens (notícias mais longas, onde se nota que o jornalista esteve no local e presenciou o acontecimento) e o número de fotos que aparecem a acompanhar os

artigos e as que estão, também, presentes nas capas, tudo isto em cada um dos jornais, no período referido.

Já na **análise de conteúdo** foram analisados os seguintes critérios:

- 1- Fonte dos artigos;
- 2-Assinatura dos artigos;
- 3- Presença de fotografias nas notícias;
- 4- Presença de factos falsos nos artigos;
- 5- Palavras ou expressões contidas nos artigos e títulos utilizados;
- 6- Qual dos jornais explica melhor o caso do ponto de vista da informação/conceção das notícias;

2.3.1- O “Piloto” e o *Público*

*“O Público é o que de mais parecido existe na imprensa portuguesa de um jornal de “referência”. Não é o único, mas é aquele que melhor junta a realidade com a vontade, ou seja, é um jornal de referência e tem como modelo ser um jornal de referência”.*⁵

O *Público* é um jornal diário fundado a 5 de março de 1990. Atualmente, é parte integrante do grupo empresarial Sonae e tem como suplementos o *Primeiro Caderno*, o *P2*, o *Público Imobiliário*, o *Inimigo Público* e o *Ípsilon*.

A sua presença *online* conta com um site oficial, o *Público.pt*, desde 22 de setembro de 1995 e perfis de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*.

O jornal assume-se, no seu estatuto editorial, como um projeto de informação “orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica”, apostando “numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de atividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural”⁶. O *Público* considera-se, ainda, inscrito “numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa”.

⁵ Cf. Pacheco Pereira no Jornal *Público* no dia 9 de setembro de 2017

⁶ Estatuto editorial do *Público*: <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>

Ao contrário dos restantes jornais analisados o *Público* foi o que dedicou menos espaço das suas páginas ao assunto analisado por esta dissertação, o caso de Pedro Dias. No entanto, e apesar de ter dedicado pouco espaço à temática, é o jornal, de todos os que foram analisados, que se mostra mais completo relativamente ao assunto analisado, e que demonstra mais certeza no que escreveu.

É, assim, possível denotar uma linguagem mais “limpa” pois, enquanto os restantes jornais analisados dedicaram espaço das suas páginas quase todos os dias ao assunto, o *Público* optou por uma outra estratégia: reunir, diariamente, toda a informação que achou relevante sobre o caso e reuni-la em apenas três peças (duas reportagens e uma notícia de rodapé), em alturas estratégicas do período analisado. Uma no início (mas apenas três dias depois da sua fuga, quando já existiam mais certezas sobre o que tinha acontecido), uma a “meio” do período de análise temporal, em que a informação reunida já era suficiente para uma notícia de rodapé, e uma no final, quando o suspeito se entregou, por ser o “finalizar de um ciclo”.

Com esta estratégia conseguiu informar os seus leitores do que estava a acontecer na “saga” Pedro Dias, sem tornar o assunto num “reality show”, e sem a polémica que os restantes meios de comunicação lhe estavam a atribuir.

Assim, conseguimos perceber que é possível informar sobre determinado assunto sem recorrer a informação imediata e fragmentária, reunindo apenas o importante em períodos críticos e “estratégicos” do caso.

De referir que o *Público* tem também um “estatuto diferencial” distinto dos restantes jornais analisados, pelo que os seus leitores são, geralmente, aqueles que preferem um jornalismo coeso e diferenciado, ao invés do jornalismo “pesado”, “instantâneo” e “sensacionalista” praticado pelos restantes jornais analisados, sem utilizar termos subjetivos ou que ponham em causa os familiares das vítimas/do suspeito.

2.3.2- O “Piloto” e o *Jornal de Notícias*

O *Jornal de Notícias* foi fundado em 1888. A 4 de Outubro de 1989 foi feito membro - honorário da Ordem de mérito. Atualmente a Global Media Group, de capitais maioritariamente angolanos, é a detentora do jornal. Esta empresa detém também o diário de notícias, a rádio TSF, o jornal *O Jogo* e o canal televisivo *Sport TV*.

O *JN* define-se, segundo o seu estatuto editorial, como um jornal que apresenta aos seus leitores uma “publicação periódica informativa e não doutrinária, independente do poder político, designadamente do governo e da administração pública, bem como de grupos económicos, sociais e religiosos, regendo-se por critérios de pluralismo, isenção e apartidarismo”.⁷

Quanto à sua informação o *JN* adota uma informação “rigorosa e competente (no sentido do mais complexo possível apuramento dos factos), equilibrada (na audição dos interesses envolvidos) e objetiva (ainda quando interprete os acontecimentos)”.

Dos jornais analisados o *Jornal de Notícias* publicou peças jornalística acerca do caso de Pedro Dias durante 19 dias dos 28 analisados. É, assim, possível perceber que o assunto foi bastante esmiuçado pelo *JN*, que colocava assim os seus leitores a par do caso quase diariamente. Ao contrário da estratégia adotada pelo *Público* o *JN* optou por uma estratégia “cronológica”.

Nas suas peças é possível observar, constantemente, mapas e gráficos que permitem resumir e perceber melhor o caso e o que está a acontecer. De destacar também o recorrente recurso a entrevistas a várias pessoas envolvidas no caso, desde os familiares das vítimas até à população, o que denota uma grande preocupação do jornal em abordar todos os lados do caso, utilizando, na maior parte das vezes como título, declarações “polémicas” e “fortes” dos entrevistados com o objetivo de despertar mais a atenção do seu público.

⁷ Estatuto editorial do *JN*: <https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>

2.3.3 - O “Piloto” e o *Correio da Manhã*

O *Correio da Manhã* recuperou o nome de um jornal que foi destruído na Primeira República por publicar ideias monárquicos. O facto de ser publicado também ao domingo, o que os outros jornais naquela época não faziam, contribuiu para a implantação do novo título. O *Correio da Manhã* é dirigido por Octávio Ribeiro desde 24 de fevereiro de 2007. Contém três revistas distribuídas gratuitamente à sexta-feira, ao sábado e ao domingo respetivamente: a *Correio TV*, a *Vidas* e o *Correio de Domingo*.

Define-se como um jornal “com respeito pelas normas deontológicas” e que demonstra “empenho, boa-fé e humildade no reconhecimento de eventuais erros, falhas ou imperfeições no exercício constante da atividade jornalística”. De acordo com o seu estatuto editorial, o *CM* “defende o valor absoluto da notícia, como componente essencial da transparência democrática, e a necessária independência da atividade jornalística perante todas as formas de poder, sejam elas políticas, económicas, religiosas ou outras. Cultiva o jornalismo de investigação, para o necessário escrutínio da vida pública e como forma de controlo pelos cidadãos contra eventuais abusos de poder, autoridade ou posição dominante. O *CM* elege a declaração universal dos direitos do homem e a Constituição da República Portuguesa como pilares jurídicos fundamentais da sua ação jornalística”.⁸

O *Correio da Manhã* foi, dos três jornais analisados, aquele que mais espaço das suas páginas dedicou ao assunto, talvez por ser considerado um jornal mais dedicado aos casos de crime, por serem, tal como já se concluiu nesta dissertação, aqueles que mais despertam a atenção do público. No total, dos 28 dias de análise o *CM* dedicou 22 dias ao caso, não referindo o assunto nas suas páginas em apenas seis dias do período analisado.

Recorre, frequentemente, a tabelas, gráficos e mapas, tal como o *JN*, mas de forma ainda mais recorrente para facilitar a explicação do caso ao seu público, e faz peças extremamente detalhadas do assunto, por vezes esmiuçando pormenores que não eram necessários serem revelados/publicados.

Nos dias em que não existem novidades no caso, opta por escrever peças de enquadramento, em que faz um resumo do que aconteceu na “trama” até ao momento, para os leitores mais desatentos aos quais possa ter escapado algum pormenor. Num dos dias de análise chega mesmo a apresentar, em rodapé, um artigo de opinião sobre o caso, intitulado “O alvo que desafia”, da autoria do diretor-

⁸ Estatuto editorial do *CM*: http://www.cmjornal.pt/mais-cm/lei-da-transparencia/detalhe/estatuto_editorial

O “Piloto” e as notícias de crime: O caso de Pedro Dias

adjunto do jornal Eduardo Dâmaso, para assim deixar vincada a sua opinião [do *CM*] relativamente ao assunto.

CAPÍTULO III

III - O “Piloto” - Análise das Notícias nos vários jornais analisados

Análise Quantitativa

Na análise quantitativa deste estudo pretende-se perceber o número total de artigos publicados nos três jornais sobre o assunto em questão, mas também em concreto que tipo de artigos, ou seja, se eram reportagens, breves, notícias ou entrevistas.

Além disso, também é pertinente saber quantas fotos acompanham os artigos e referências na capa, e que tipo de fotografias são.

Deste modo contabiliza-se um total de 90 artigos sobre o caso Pedro Dias nos três jornais, *Público*, *JN* e *Correio da Manhã*, durante o período de 12 de outubro de 2016 a 9 de novembro de 2016. O *Correio da Manhã* publicou mais artigos relativos ao tema (45), em detrimento de 41 no *Jornal de Notícias* e de apenas 4 no *Público*.⁹

Relativamente às breves, o *Correio da Manhã* (18) é o jornal que utiliza mais esta estratégia, para assim ser fácil ao leitor, que tem acesso à mensagem mais “resumida”, ao contrário do *JN*, que publica oito breves e do *Público* que optou por não utilizar este género jornalístico.¹⁰

Com um total de quarenta e oito notícias no período analisado sobre o caso, percebe-se um maior número de notícias publicadas pelo *Jornal de Notícias* (25), em detrimento de vinte e uma pelo *Correio da Manhã* e de apenas duas por parte do *Público*.¹¹

No período analisado, o *Jornal de Notícias* é o que publica mais entrevistas relacionadas como o tema (7), seguido do *Correio da Manhã* com seis e do *Público*, com apenas uma.¹²

Relativamente às reportagens, são o caso mais “flagrante” desta diferença de tratamento noticioso, uma vez que, nos 90 artigos analisados, este género jornalístico está presente apenas duas vezes, uma vez por parte do *Público* e outra por parte do *Jornal de Notícias*.¹³

⁹ Ver Tabela 1

¹⁰ Ver Tabela 2

¹¹ Ver Tabela 2

¹² Ver Tabela 2

¹³ Ver Tabela 3

Quanto às referências a notícias sobre o tema na capa no período analisado, o *Correio da Manhã* é o jornal que apresenta mais (19), enquanto o *Jornal de Notícias* apresenta 11 e o *Público* apresenta, apenas por uma vez, o caso de Pedro Dias referenciado na sua capa.¹⁴

Quanto às fotos que acompanham os artigos, verifica-se uma tendência de um número elevado pelo *Correio da Manhã* (96) e pelo *Jornal de Notícias* (58), que não apresentam nenhum artigo sem a presença de fotografias e muitas vezes colocam mais que uma fotografia no mesmo artigo.

Além disso, há que referir que o conteúdo das fotos não é proporcional porque enquanto o *Jornal de Notícias* e o *Correio da Manhã* apresentam várias fotos do suspeito, das vítimas e das testemunhas, o *Público* opta por não apresentar nenhuma fotografia de pessoas, restringindo-se apenas a três fotos de paisagens e locais onde aconteceu o caso, chegando mesmo a fazer uma notícia sobre o caso sem recurso a imagens.¹⁵

Tabela 1 - nº de artigos analisados nos três jornais e a quantidade de fotos presente em cada artigo

	Artigos	Fotos nos artigos
<i>Jornal de Notícias</i>	41	96
<i>Público</i>	4	3
<i>Correio da Manhã</i>	45	58
Total	90	157

Tabela 2 - nº de breves, entrevistas e notícias presentes em cada jornal

	Breves	Entrevistas	Notícias
<i>Jornal de Notícias</i>	8	7	25
<i>Público</i>	0	1	2
<i>Correio da Manhã</i>	18	6	21
Total	26	14	48

Tabela 3 - nº de reportagens e da presença do caso na capa dos jornais analisados

	Reportagens	Presença do caso na capa
<i>Jornal de Notícias</i>	1	11
<i>Público</i>	1	1
<i>Correio da Manhã</i>	0	19
Total	2	31

¹⁴ Ver Tabela 3

¹⁵ Ver anexo 2

Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo desta dissertação vai ser dividida por critérios, que serão analisados nos noventa artigos acerca do caso de Pedro Dias, durante o período de 12/10/2016 a 9/11/2016 nos três jornais: *CM*, *JN* e *Público*. Os critérios analisados serão os seguintes:

- 1- Fonte dos artigos;
- 2- Assinatura dos artigos;
- 3- Presença de fotografias nas notícias (análise do objetivo e significado das mesmas);
- 4- Presença de factos falsos nos artigos;
- 5- Palavras ou expressões subjetivas presentes nos artigos e títulos utilizados;
- 6- Qual dos jornais cumpre com mais rigor os critérios jornalísticos.
- 7- Qual dos jornais melhor explica o caso, do ponto de vista da informação/conceção das notícias;

1- Fonte dos Artigos

Já foi dito anteriormente que, neste trabalho, as fontes de informação podem ser de todo o tipo: como oficiais (instituições, órgãos de polícia criminal, etc...) e não oficiais (contactos pessoais que se vão adquirindo como polícias, advogados, juízes e procuradores) mas, todavia, têm de ser confirmadas antes de serem tomadas como certas. Verificar se todos os artigos analisados possuem fonte e qual o seu tipo é o primeiro ponto da análise de discurso.

1.1 - *Jornal de Notícias*

Dos quarenta e um artigos analisados no *Jornal de Notícias (JN)*, é possível denotar que o *JN* recorre frequentemente às fontes oficiais como a Polícia Judiciária (PJ) e Guarda Nacional Republicana (GNR) - entidades referidas em 12 dos artigos- o que demonstra que a relação entre as autoridades policiais e a comunicação social está a melhorar, apesar de ainda ter lacunas visíveis.¹⁶

Outra das chamadas fontes oficiais a que o jornal em causa recorreu, num dos artigos, foi o bispo das Forças Armadas (FA) e o Presidente da Associação de Profissionais da Guarda.¹⁷

¹⁶ Ver ponto 1.2 do Capítulo I

¹⁷ Ver anexo 3

As chamadas *fontes não oficiais* são, também, usadas frequentemente pelo *Jornal de Notícias* que, muitas vezes, recorre às mesmas para obter, assim, informação que as autoridades policiais, por vezes, não divulgam por confidencialidade ao caso ou por falta de informação concreta a dar.

Familiares das vítimas, testemunhas que afirmam ter avistado o suspeito, relativos do suspeito (ex-mulher de Pedro Dias), caçadores, habitantes de localidades por onde se pensa que o “Piloto” passou, amigos do suspeito e Mónica Quintela - advogada da família e, por consequência, de Pedro Dias são alguns dos exemplos de fontes a que o *JN* recorre para sustentar os seus artigos.

Apesar disto, é possível denotar nos artigos analisados que em dois deles não é referido nenhum tipo de fonte¹⁸ e ainda expressões como “*Segundo o JN apurou*” ou “*Tudo indica que ali...*”. Nestes casos, o leitor, ao reter a informação que o *JN* transmite, não consegue perceber de onde ela foi retirada e como é que o jornal sabe se aquilo é verdadeiro ou não, tornando assim esta informação menos credível.

Em conclusão, o *Jornal de Notícias* [no que diz respeito às fontes] recorreu a uma variada quantidade de fontes para suportar os seus artigos, o que demonstra uma forte preocupação em sustentar a informação que transmite aos seus leitores.

No entanto, o facto de ter recorrido a várias fontes distintas também demonstra que abordou, dentro do mesmo tema, várias temáticas paralelas, o que é característica do tipo de jornalismo que pratica.

1.2 - *Correio da Manhã*

Apesar de ter publicado um número de artigos semelhantes ao *Jornal de Notícias* (quarenta e cinco, apenas mais quatro artigos que o *JN*), de apresentar títulos similares [na peça de entrega de Pedro Dias o *CM* apresenta o título: “Quis entregar-me para não ser morto” e o *JN* o título “Exigiu ser filmado a entregar-se por medo de ser morto”] e de recorrer, por vezes, às mesmas fontes, é possível denotar diferenças no jornalismo praticado pelo *CM*, em comparação com o do *JN*, no que a este caso diz respeito.

¹⁸ Ver anexos 4 e 5

Dos seus 45 artigos analisados é possível verificar que o *Correio da Manhã* nomeia várias vezes as autoridades policiais (GNR e PJ), no entanto sem as citar. Com esta atitude o jornal demonstra que, apesar de ter bastante informação sobre o assunto e seguir passo a passo o trabalho das autoridades, as informações que tem foi por que “descobriu sozinho” ou “através de terceiros” e não propriamente por as autoridades o terem comunicado o que significa que, desta forma, os seus artigos não são sustentados da melhor forma.

Assim, é frequente ver expressões nas suas peças como “segundo o CM apurou” ou “o CM sabe”, o que pode levar o leitor a duvidar, por vezes, que a informação seja verdadeira uma vez que o jornal não informa de onde a informação provém.¹⁹

Apesar disto, dos três jornais analisados o CM é o que recorre a um maior número de fontes distintas, como por exemplo familiares do suspeito (irmã de Pedro Dias), familiares das vítimas (pai de Carlos Caetano, Vasco Moreira, tio de Luís Pinto, familiares do homem e mulher sequestrados), vários moradores (pessoas que conheciam Pedro Dias e moradores dos locais por onde ele ia sendo visto) e testemunhas que diziam ter avistado o suspeito.

Esta recorrência a vários tipos distintos de fontes é utilizada pelo jornal para demonstrar que estava presente “em todas as frentes”, e que tinha o objetivo de informar o seu leitor do que estava a acontecer passo a passo tratando de assuntos e ouvindo pessoas que a sua concorrência não considera relevantes.

1.3 - Público

Como já vimos na análise quantitativa o *Público* é, dos três jornais analisados e durante o período referido, o que publicou um menor número de artigos, regendo-se a apenas três peças jornalísticas acerca do caso do “fugitivo de Aguiar da Beira”.

No entanto, e ao contrário dos outros jornais analisados, os seus três artigos apresentam todos as chamadas fontes oficiais. A Agência Lusa de notícias, o major Paulo Gomes - oficial de serviço no centro de comando e controlo operacional da GNR, Sandra Felgueiras [jornalista da RTP a quem

¹⁹ Ver anexo 6

Pedro Dias deu uma entrevista no dia da sua entrega] e, conseqüentemente, Mónica Quintela, advogada do arguido, são alguns dos exemplos de fontes a quem o *Público* recorreu para sustentar os seus artigos.

Já a opinião de um amigo e da irmã do suspeito, de um colega que pediu para não ser identificado e a de uma amiga que “gosta muito da família” foram as fontes não oficiais escolhidas pelo *Público* para justificar a única peça que publicaram que traça o perfil do suspeito. É possível ainda verificar, no que às fontes diz respeito, que o *Público* não recorreu a nenhum familiar das vítimas para completar as suas peças, nunca os referindo nem citando, ao contrário do *CM* e do *JN*, mostrando assim que não considerou a opinião dos familiares das vítimas relevantes para a construção de um artigo.

2- Assinatura dos Artigos

O Código deontológico dos jornalistas portugueses de 1993 afirma, no seu nº 5 que “o jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais [...], A formulação omite qualquer referência à natureza anónima ou não desses trabalhos: preferiu-se, com evidentes vantagens (e economia), um normativo genérico (“todos os seus trabalhos e atos profissionais”), que naturalmente inclui todos os tipos de textos e, ainda as informações veiculadas pelos jornalistas que eventualmente não sejam incluídas em textos por si redigidos ou divulgados ou qualquer outro “ato profissional”. (Pina, 2000, p.122).

Este é um dos pontos fulcrais a ser feito numa análise de discurso pois, para analisar um texto, seja ele qual for, é bom saber se o mesmo está assinado e, se sim, qual é o seu autor, pois isso pode influenciar a opinião do leitor acerca do mesmo. Neste caso, como veremos, os noventa artigos explorados são todos assinados.

Foram 14 o número de jornalistas distintos escolhidos pelo *Jornal de Notícias* para elaborar os 41 artigos acerca de Pedro Dias. Nunca colocando iniciais e sempre o nome próprio do jornalista e assinando, na maior parte das vezes, no início dos artigos e não no fim o *JN* torna pública, assim, a identidade dos jornalistas que escrevem todas as suas peças.

É ainda possível perceber, no que às assinaturas dos artigos diz respeito, que a maior parte são feitos em conjuntos de dois ou três jornalistas, cingindo-se apenas a um profissional em breves ou quando o assunto a tratar não é de carácter tão complexo.

Já o *Correio da Manhã* utiliza 18 jornalistas distintos para a elaboração das suas peças sobre o caso, todas, em semelhança com o *JN* e o *Público*, também assinadas. Neste jornal é possível ver, por três vezes, a assinatura em forma de iniciais (ex.: T.V.P/L. O), mas apenas em breves ou peças em que o espaço não é muito grande para colocar o nome completo do jornalista, que fica, na maior parte das vezes, no final dos artigos.

Tânia Laranjo e Luís Oliveira foram os únicos jornalistas do CM a fazer artigos sobre o caso singularmente. A maior parte dos artigos foi elaborada por dois, três ou quatro profissionais, dependendo da quantidade de informação que estivesse englobada.

O *Público*, apesar de ser o jornal (dos três analisados) que publica menos artigos sobre o caso (apenas quatro), é também o único a utilizar a Agência Lusa de notícias como “fonte de informação” e a incluí-la nas assinaturas de uma peça. (Ex: *Público/Lusa*). Um dos seus artigos também é assinado com iniciais (M. O/H. S/M. L/A. S) e a jornalista escolhida pelo jornal para se ocupar deste assunto foi Mariana Oliveira, que apresenta uma reportagem da sua autoria.

3 - Presença de Fotografias nas Notícias

3.1 - *Jornal de Notícias*

Observámos, na tabela de análise quantitativa, que, dos jornais analisados, o *JN* é o jornal que mais fotografias apresenta nas suas páginas acerca do caso. Num total de 96, conseguimos perceber que todas as peças são acompanhadas de, pelo menos uma imagem e, na maior parte das vezes, de mais que uma imagem. Todas são legendadas e dividem-se em várias temáticas.

Estas fotografias têm como objetivo “colocar” o leitor no local dos acontecimentos, para assim ser possível ter uma maior perceção da realidade.

Logo na primeira notícia é possível observar o único mapa elaborado pelo jornal. É um mapa que parte de um único ponto: Aguiar da Beira, e depois apresenta a distância até aos outros locais por onde Pedro Dias passou (o local do *carjacking* a Liliane Lino e Luís Pinto, S. Pedro do Sul, onde o carro é identificado numa operação Stop, mas consegue fugir e Candal, último local onde Pedro Dias é avistado e de onde efetua a sua fuga).

O objetivo do *JN* com este mapa é facilitar ao leitor a explicação do caso em imagem, para depois em texto, imediatamente abaixo da imagem, explicar tudo ao pormenor. Esta estratégia é utilizada apenas no primeiro artigo porque a esta altura o leitor ainda não sabia nada acerca deste caso, que, por ser complexo, vê a sua explicação ser facilitada através de um gráfico.²⁰

Dezanove é o número de vezes em que a fotografia do “suspeito de Aguiar da Beira” aparece nas peças do *JN*, normalmente em destaque. É sempre a mesma imagem pois foi das únicas imagens do suspeito difundidas, a foto da sua carta de condução. Têm o objetivo de alertar os leitores menos atentos que é daquela pessoa que estamos a falar.

Imagens de familiares das vítimas foi o que também não faltou nas páginas do *JN*. Acompanhadas, na maior parte das vezes, de testemunhos, estas imagens servem para dar “identidade” ao texto.

²⁰ Ver mapa no anexo 7

Num dos funerais das vítimas é possível observar também imagens do funeral ²¹, que “transportam” o leitor para aquele local e demonstram o ambiente que se vive. Estas imagens têm o problema de estar a expor os familiares enlutados numa altura em que estes estão mais fragilizados.

É possível, ainda, observar um *layout* semelhante em quase todas as páginas, em que imagens de testemunhos e vítimas aparecem em formato circular, enquanto as imagens do suspeito, da GNR e dos locais por onde passou são alvo de mais destaque e apresentam-se em formato retangular para “ilustrar” o texto que se seguirá.

O *JN* demonstra, com esta atitude, que é importante ilustrar e retratar todas as pessoas ou locais a que se refere, para assim ser mais fácil ao leitor perceber do que se está a falar. Isto é demonstrado quando o jornal, após referir o Presidente da República Nacional, Marcelo Rebelo de Sousa e a ministra da administração interna Constança Urbano de Sousa, acompanha os seus testemunhos das suas imagens, naturalmente já conhecidas por todos.

3.2 - *Correio da Manhã*

À semelhança do *JN* o *Correio da Manhã* também publica todos os seus artigos acompanhados de fotografias. O que acontece neste caso é que, por vezes, é possível observar, em algumas das páginas analisadas, mais imagens do que texto. Podemos, então, dizer que, neste caso, são as imagens que complementam o texto e não o contrário.

Porque recorrerá tanto o *Correio da Manhã* a este recurso? Porque esta é uma forma de levar o leitor a viver o momento, como se de uma novela se tratasse, que todos os dias tem um novo enredo e novas personagens.

Apesar de apresentar menos fotografias que o *JN*, as imagens a que o *Correio da Manhã* recorre são de maior destaque e estão, muitas vezes, todas juntas, como se de uma banda desenhada se tratasse. Em algumas vezes é mesmo possível encontrar imagens sobrepostas.

²¹ Ver anexo 8

Os mapas são um recurso a que o *CM* não “fecha os olhos” e são utilizados onze vezes ao longo dos vinte e nove dias de análise, para assinalar o percurso do homicida pelos vários locais por onde se pensa que passou durante a sua fuga. O recurso a esta estratégia permite ao leitor ter mais noção da distância que separa os locais uns dos outros.

A imagem difundida para a Comunicação Social do suspeito, Pedro Dias, conhecido por “Piloto” é utilizada vinte e três vezes pelo jornal, para que não existam dúvidas de que é daquela pessoa que estamos a falar, e também para que não seja possível ao leitor retirar a imagem do “homicida de Aguiar da Beira” da memória, pois esta é a “personagem principal” desta história.

Podemos, assim, dizer que para o *Correio da Manhã* quase tudo é merecedor de ser ilustrado com uma imagem, apesar dessa, por vezes, poder ser dispensada. É exemplo disto a fotografia do hospital de Viseu, que recebeu três vítimas do homicida, ou da casa paroquial que os Pais de Pedro Dias frequentavam, pois são apenas instituições que, à partida, não necessitariam de fotografia.

3.3 Público

Dos três jornais analisados o *Público* é o que recorre menos à fotografia. Poderíamos dizer que é porque o número de peças por ele publicado é consideravelmente menor que o dos restantes jornais analisados e, por consequência, o de fotografias também o é. Mas tal não acontece.

Pelo que podemos observar, pode afirmar-se que se o número de peças publicado pelo *Público* fosse o mesmo [que não o é] o número de fotografias em relação aos outros dois jornais (*CM* e *JN*) seria igualmente menor. Porquê? Porque, apesar de o número de fotografias ser de apenas três, essas três são de carácter especial.

Ao contrário do *JN* e do *CM* o *Público* não publica uma única fotografia de Pedro Dias, não recorre a nenhum tipo de mapa ou de gráfico e não publica nenhuma fotografia das vítimas ou dos seus familiares, nem das pessoas que lhes deram testemunhos (moradores e amigos do suspeito).

Nas suas páginas acerca do caso é apenas possível ver três imagens. Uma delas de um dos locais onde os factos ocorreram (imagem geral, de enquadramento), uma outra de um civil que passava (que nada tem que ver com o caso, e que representa apenas a população local), e uma última, no dia da entrega do suspeito, das operações de busca da Guarda Nacional Republicana.

Podiam tê-lo feito, mas optaram por não o fazer. Referem várias vezes o nome do suspeito, mas nada da presença de fotografias dele. Referem o testemunho da única irmã do suspeito, e chegam mesmo a dizer no texto que, no momento em que ela deu o testemunho, se encontrava “visivelmente transtornada”, mas não apresentam uma única imagem dela, nem do amigo de Pedro Dias, que é fonte principal de uma das suas peças.

Não o fazem porquê? Aqui poderiam entrar muitas teorias, pode ser vontade dos próprios, que não querem ver a sua imagem divulgada, ou pode ser apenas o facto de terem noção [o *Público*] que não é necessário expor os intervenientes de uma história para ela ser melhor contada. Deixam, assim, à imaginação do leitor como será a pessoa que falam, dando apenas imagem do cenário onde “ela fala”.

4- Presença de Factos falsos nos artigos

Nesta fase da análise de discurso pretende-se perceber se, do total de noventa artigos publicados algum apresenta, em algum momento, a presença de factos falsos, mesmo que estes venham, posteriormente, a ser desmentidos.

Como este é um caso controverso em que, por vezes, ocorrem factos distintos simultaneamente e a informação pode chegar de várias maneiras, por diversos meios, é provável a ocorrência de factos falsos nos artigos.

Além disso, é frequente isto acontecer quando determinado órgão de comunicação social sabe de alguma informação repentina, a chamada “informação de última hora”, e publica esse facto sem verificar atempadamente se essa informação é verdadeira ou não, vindo posteriormente a ser corrigida ou completa.

Foi o que aconteceu. Logo na primeira notícia sobre o caso publicada pelo *Correio da Manhã*, no dia doze de outubro de dois mil e dezasseis, o *CM* informa que o casal Liliane Pinto e Luís Pinto tinham morrido - “ele teve morte imediata e ela perdeu a vida já no hospital”, para depois se vir a confirmar, e o *CM* publicar logo na notícia do dia seguinte, que afinal Liliane Pinto tinha sobrevivido - “ao início da noite estava em morte cerebral” e que se encontrava em estado grave no hospital de Viseu.

Outro exemplo de factos falsos nas notícias publicadas pelo *Correio da Manhã*, data de dia treze de outubro de dois mil e dezasseis. O título desta peça é “Ordem para matar” em que afirmam que “os

militares vão continuar de forma discreta no terreno e têm autorização para atirar de imediato caso avistem Pedro Dias”, sem referir nenhum tipo de fonte para esta informação que sustente os factos noticiados de carácter considerado grave e destaque de capa desse dia.

Sabemos que esta notícia é falsa uma vez que, um dia depois, dia catorze, o *CM* publica uma breve com o seguinte título: “GNR esclarece notícia do *CM*”, em que a Guarda Nacional Republicana - através do direito de resposta²² “desmente a notícia publicada pelo *CM*” e afirma que “apesar da gravidade dos factos ocorridos, tendo a instituição perdido um dos seus militares, em momento algum foi dada a ordem mencionada, uma vez que a utilização da força está devidamente definida na lei e nos regulamentos e normas internas da própria instituição”.

Afirma, ainda, no mesmo comunicado, que “a instituição [Guarda Nacional Republicana] nunca foi contactada pelo órgão de comunicação social sobre este assunto²³”.

“O exercício do direito de resposta é um mecanismo posto à disposição de quem se considere prejudicado por uma notícia inexata (por falsidade ou por incompletude) que de algum modo lhe diga respeito, para o poder desmentir ou repor a exatidão dela, e que visa, fundamentalmente, a defesa dos direitos de personalidade atingidos, sendo que, desse modo, concorre também para a promoção do contraditório e do pluralismo da comunicação social”. (Pina, 2000, p.103).

Depois deste direito de resposta o *CM* volta a reafirmar novamente a sua posição, mais uma vez sem qualquer fonte, em nota de redação: “O *CM* reafirma a informação avançada ontem aos seus leitores”.

Para além disto, o direito de resposta (DR) elaborado pela GNR, que o *CM* é obrigado a publicar, encontra-se no canto inferior direito do jornal, na edição de dia 14 de outubro e na página nove, sem qualquer tipo de destaque. Com isto o *CM* tem como objetivo que o DR elaborado pela GNR passe despercebido ao leitor.

²² O direito de resposta é o direito que uma pessoa tem de se defender de críticas públicas no mesmo meio em que foram publicadas. Refere-se, portanto, ao direito de oferecer uma resposta de esclarecimento quando um jornal ou programa de televisão apresente um conteúdo que possa levar ao erro de interpretações que gerem vantagens por falsos argumentos. De acordo com o artigo 24.º do Capítulo V da Lei da Imprensa tem direito de resposta nas publicações periódicas qualquer pessoa singular ou coletiva, organização, serviço ou organismo público, bem como o titular de qualquer órgão ou responsável por estabelecimento público, que tiver sido objeto de referências, ainda que indiretas, que possam afetar a sua reputação e boa fama. O direito de resposta e o de retificação podem ser exercidos tanto relativamente a textos como a imagens. O direito de resposta e o de retificação são independentes do procedimento criminal pelo facto da publicação, bem como do direito à indemnização pelos danos por ela causados.

²³ Ver anexo 9

Já no caso do *Jornal de Notícias* é possível encontrar este acontecimento, por exemplo, com a idade do casal Liliane Pinto e Luís Pinto, vítimas de *carjacking*. O *JN* chega a publicar que o casal tinha cerca de vinte e cinco anos, para depois dizer que a GNR afirma que o mesmo casal aparenta ter quarenta, quando, na verdade, veio-se a verificar que Luís Pinto tinha vinte e nove anos e Liliane Pinto vinte e seis, à data dos acontecimentos. Este facto, apesar de não ser grave, não apresenta, em nenhuma altura, correção por parte do jornal.

Estes factos ocorrem porque a estratégia de informação do *JN*, assim como a do *CM*, é publicar as notícias quase instantaneamente ao momento em que as mesmas estão a acontecer. Ora, esta estratégia tem factos positivos e negativos.

Por um lado, demonstra profissionalismo e empenho, estando sempre “em cima do acontecimento”. Por outro lado, pode levar à publicação de factos falsos, nunca propositadamente, mas apenas porque para um assunto ser publicado instantaneamente não é possível, muitas vezes, confirmar todas as fontes e factos, pelo que não é fácil toda a informação publicada conseguir ser salvaguardada.

Verificámos isto mesmo com o jornal *Público*, que não apresenta factos falsos nas suas peças. No entanto, tal não acontece porque o *Público* resolveu, precisamente, utilizar a estratégia inversa à do *CM* e do *JN*. Publicou os factos apenas passado alguns dias deles terem acontecido, dando tempo, assim, de confirmar e salvaguardar todas as suas informações e fontes.

Além disso abordou assunto de outro ângulo, o ponto de vista da população, e não deu relevância aos pontos paralelos que tanto o *CM* como o *JN* focaram diminuindo, assim, a ocorrência de informação falsa nas suas peças.

5 - Palavras ou Expressões subjetivas nos Artigos e Títulos utilizados

Como referi anteriormente, o caso em estudo é bastante controverso podendo induzir a diferentes interpretações da leitura e, conseqüentemente, especulações.

Os jornais, ao serem um meio de comunicação social, têm o papel de, para além de informar o que está a acontecer, recorrendo a uma linguagem corrente (de fácil percepção, pois o público alvo encontra-se em diferentes faixas etárias e com diferentes graus de escolaridade), ter como norma a utilização de um vocabulário objetivo que não dê margem a várias interpretações que possam surgir através de linguagem subjetiva e frases que podem induzir um leitor em erro de tradução da mensagem passada.

O problema é que nem sempre é isso que ocorre. Como órgão de comunicação social um jornal possui vários tipos de subsistência. Uma delas, como não pode deixar de ser, obtêm-se através do dinheiro angariado pelo número de exemplares vendidos.

Uma das estratégias utilizadas para aumentar este número é, então, a utilização de palavras ou expressões subjetivas, que dão azo a novas interpretações e que vão exatamente ao encontro do que um jornal não deve fazer, mas que, por vezes, é “necessário”. Assim, usam este tipo de palavras para chamar a atenção do leitor para, então, conseguir vender mais exemplares.

Neste caso em particular este fenómeno ainda é mais comum uma vez que se trata de uma temática criminal, que já de si apela aos sentimentos das pessoas. Só pelo seu carácter já chama a atenção do leitor e o uso de expressões e títulos subjetivos, cujos exemplos vamos ver seguidamente, ainda aumentam mais este fenómeno.

O cultivo do macabro, o uso de expressões e afirmações subjetivas que já incriminam Pedro Dias, mesmo antes de ele ter sido julgado despertam o medo, a insegurança, a curiosidade de querer saber mais sobre a temática, despertam a “boca a boca”.

A utilização destes termos serve, concluindo, para atrair mais leitores e o passa a palavra faz que com que essa subjetividade de interpretações seja motivo de conversa e levem outro (que não o leitor) a questionar-se sobre isso e a querer ler, também, a notícia.

Os títulos que se seguem são exemplo da situação retratada acima e são publicadas pelos jornais esmiuçados *CM* e *JN*, durante o período de análise já referido:

- Ordem para **matar**; - *CM*
- Furto de cobre acaba em **chacina a tiro**; - *CM*
- **Amarra** com lençol e exige dinheiro; - *CM*
- Assaltam no dia do **massacre**; - *CM*
- **Assassino** descoberto em casa desabitada; - *CM*
- Meia e batata para calar as **vítimas sequestradas**; - *CM*
- Investidas cirúrgicas para capturar **homicida**; - *CM*
- **Rasto de sangue** em casa assaltada; - *CM*
- GNR teve **homicida** na mira de tiro de G3; - *CM*
- Luta com **homicida** depois de ser baleada; - *CM*
- PJ perde o rasto a duplo **homicida**; - *CM*
- “Piloto” de Arouca suspeito de **matança**; - *JN*
- “Piloto” combinou **comprar duas vitelas** em Candal; - *JN*
- “Piloto” **já foi condenado** por agredir a ex-mulher; - *JN*
- Mulher luta com “Piloto” e **escapa a morte certa**; - *JN*
- Abandona carro e calças com **sangue**; - *JN*
- Medo de desiludir e perder filha leva “Piloto” a **matar**; - *JN*
- Investigado cinco vezes antes dos **homicídios**; - *JN*
- Exigiu ser filmado e entregar-se por medo de ser **morto**; - *JN*
- “Piloto” em **berço de ouro**; - *JN*

De denotar que os exemplos acima referidos são apenas dos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal de Notícias*. As palavras a negrito são de carácter subjetivo e remetem para conceitos como morte e sangue.

Já os títulos que se seguem são, também, de carácter subjetivo, publicados pelos mesmos jornais referidos e no mesmo período de análise, mas apresentam a diferença de serem citações diretas de fontes utilizadas pelos jornais:

- “O meu irmão não é um **monstro**”; - *CM*
- “Na sociedade **mata-se por dá cá esta palha**”; - *CM*
- “Abalado por ver colega ser **morto**”; - *CM*
- “Quis entregar-me para não ser **morto**”; - *CM*
- “Agora o **pesadelo** acabou”; - *CM*
- “Deixaram o meu filho **morto** a 700 metros de casa”; - *JN*
- “**Ninguém está a salvo** enquanto não o apanharem”; - *JN*
- “O casal estava no **sítio errado à hora errada**”; - *JN*
- Psiquiatra classificou “Piloto” como **sociopata**; - *JN*
- “Tem tanto de **cordeiro como de lobo**”; - *JN*

Já no jornal *Público* não se verifica este fenómeno, uma vez que a estratégia utilizada pelo jornal é diferenciada. O tema não foi relatado pelo mesmo ângulo, sendo o seu ponto de partida o ponto de vista da população local, e não lhe foi atribuída tanta importância, pelo que o seu vocabulário não chama à atenção, sendo apenas objetivo. Vejamos alguns exemplos:

- O medo saiu à rua e no Candal ninguém lhe ficou indiferente;
- Um homem simpático, galanteador que fazia tropelias;
- GNR revista quinta atrás de Pedro Dias;
- Pedro Dias entregou-se e disse à RTP: “Eu não matei ninguém”.

Estes exemplos não contêm subjetividade, sendo apenas objetivos e de fácil compreensão. Também nas palavras utilizadas para se referirem ao suspeito, os três jornais demonstram diferenças.

Pelo *Público* Pedro Dias é denominado de **suspeito, fugitivo, o homem**. No *JN* encontramos termos como “**Piloto**”, **presumível homicida, suspeito dos homicídios de Aguiar da Beira e o homem que matou a tiro duas pessoas e feriu outras duas**.

Aqui é possível observar o princípio da presunção da inocência, uma vez que o *JN* passa da utilização de termos como “suspeito dos homicídios de Aguiar da Beira”, em que faz o correto e classifica Pedro Dias como suspeito, no dia catorze de outubro, pela jornalista Milene Marques e respeita, assim, o princípio da presunção da inocência²⁴ para “o homem que matou a tiro duas pessoas e feriu outras duas”, no dia dezasseis de outubro pelo jornalista João Paulo Costa.

Ou seja, Pedro Dias passou, em poucos dias, de suspeito para autor dos crimes, numa altura em que ainda estava fugido e não tinha ocorrido julgamento.

No *CM* os termos utilizados são **homicidas, fugitivo, homem mais procurado de Portugal, homem de 44 anos e duplo homicida**, o que nos leva a concluir que tanto o *CM* como o *JN* já consideravam o homem culpado dos crimes sem existirem provas de tal, quando o julgamento ainda não tinha ocorrido e Pedro Dias estava em fuga e utilizavam termos para passar a ideia ao leitor de quão “mau” é Pedro Dias.

²⁴ A presunção da inocência significa que toda a pessoa é considerada inocente até ter sido condenada por sentença transitada em julgado — isto é, da qual já não se pode recorrer — num tribunal criminal. É um princípio fundamental no direito penal português, como no de muitos Estados. Assim, um tribunal só pode condenar uma pessoa pela prática de um crime se ficar provado, pelo grau de prova mais exigente, que ela o cometeu. A presunção obriga o juiz a decidir a favor do arguido sempre que, depois de examinadas todas as provas, subsista no seu espírito uma dúvida razoável sobre a verificação dos factos que respeitem à culpabilidade do arguido ou à gravidade da mesma.

6 - Qual dos jornais melhor explica o caso do ponto de vista da informação/conceção das notícias

Como podemos ver na análise quantitativa e na análise de discurso (terminada neste ponto) realizada acima os três jornais analisados (*CM*, *JN* e *Público*) apresentam algumas semelhanças, mas sobretudo diferenças na forma como divulgaram o caso de Pedro Dias.

Um acontecimento criminal, como já foi dito, tem características próprias que devem ser tomadas em conta na hora de publicar algo sobre o assunto em si.²⁵ Perceber qual dos jornais analisados melhor explica o caso, do ponto de vista da informação vinculada e da conceção das notícias, é o objetivo deste que último ponto da dissertação.

O período de análise desta dissertação vai desde o dia doze de outubro de dois mil e dezasseis, altura em que Pedro Dias iniciou a sua fuga, até ao dia da sua entrega, dia nove de novembro de dois mil e dezasseis o que contabiliza um total de vinte e seis dias de análise.

Como é natural os três jornais são diferentes²⁶, tendo em comum apenas o facto de serem os três generalistas, a forma como dissecaram o caso foi diferente e é possível observar que determinado jornal considera importante, por vezes, conteúdos que outro jornal não considera.

Por exemplo, no dia 14 de outubro²⁷ o *Jornal de Notícias* publica uma peça com o título “Piloto combinou comprar duas vitelas em Candal”, em que afirma que “o suspeito dos homicídios de Aguiar da Beira, Pedro João Dias, tinha estado no Candal (S. Pedro do Sul), na passada segunda-feira, um dia antes de desaparecer nos montes, fugido às autoridades, depois dos crimes de Aguiar da Beira”.

No mesmo dia, o *CM* tem como título “*Homicida rouba carro na fuga para Espanha*”²⁸ afirmando que “Pedro Dias, 44 anos, fez carjacking e seguiu numa Renault Express cinzenta até Salamanca”, tema a que o *JN*, no mesmo dia, só dedica uma pequena breve.

²⁵ Ver ponto 1.1 do Capítulo I

²⁶ Ver ponto 2.3.1 do Capítulo II

²⁷ Ver anexo 10

²⁸ Ver anexo 11

Já o *Público*, neste mesmo dia, opta por não publicar nenhuma peça relativamente ao caso, considerando que as temáticas acima enunciadas, que o *JN* e o *CM* divulgaram, não eram consideradas relevantes para se tornarem notícia.

Existem também assuntos que foram publicados pelos três jornais, por serem demasiado importantes para serem ignorados. No entanto, a forma como são feitas as peças sobre o mesmo assunto divergem de jornal para jornal.

É importante ver, assim, qual dos jornais melhor explora e vincula cada assunto, tendo em conta o cumprimento ou incumprimento dos critérios de noticiabilidade²⁹, o cumprimento ou incumprimento do código deontológico dos jornalistas portugueses, o público-alvo, a utilização de imagens³⁰, as fontes³¹ a que se recorre e a linguagem utilizada³² e os termos/títulos utilizados.

Começamos pelos primeiros dias de análise, os dias 12 e 13 de outubro de 2016, dias em que o *Jornal de Notícias*³³ e o *Correio da Manhã*³⁴ (12) e o *Público*³⁵ (13) publicam a primeira notícia acerca do caso, noticiando o que aconteceu.

Já no título se denotam diferenças nos três jornais. O *CM* opta por “Furto de cobre acaba em chacina a tiro”, o do *Público* é “O medo saiu à rua e no Candal ninguém lhe ficou indiferente” e o do *JN* é “Piloto” de Arouca suspeito de matança”.

Aqui, podemos concluir que a melhor escolha para título foi a elaborada pelo *Público*, na medida em que, como já vimos anteriormente, o *CM* e o *JN* recorrem a termos “chamativos” e “subjetivos” para assim chamar a atenção do leitor (“chacina a tiro” e “suspeito de matança”), enquanto o *Público* é mais “soft” referindo apenas o medo na localidade onde o crime aconteceu.

²⁹ Ver ponto 1.2 do Capítulo I

³⁰ Ver ponto 3 da análise de discurso - Capítulo III

³¹ Ver ponto 1 da análise de discurso - Capítulo III

³² Ver ponto 5 da análise de discurso - Capítulo III

³³ Ver anexo 12

³⁴ Ver anexo 13

³⁵ Ver anexo 14

Quanto ao conteúdo da própria notícia, apesar de serem de géneros diferentes, verificamos novamente que, dos jornais analisados, o que melhor noticia o caso e o que realmente aconteceu no primeiro dia dos acontecimentos foi o *Público*, através de uma reportagem da autoria da jornalista Mariana Oliveira.

A estratégia adotada para a escrita da mesma foi usar um ponto de vista diferente do adotado pelo *CM* e pelo *JN*, o ponto de vista da população acerca do que aconteceu. Além disso, a peça foi publicada dois dias depois da data dos acontecimentos, o que permitiu ao jornal ter uma maior segurança na veracidade dos factos que estava a vincular e na confirmação das fontes.

O perfil do suspeito é feito através de uma entrevista, o que faz com o que o jornal nunca classifique o suspeito sem recurso a fontes, ao contrário do *CM* e do *JN* que, como já vimos, recorrem a termos como o homicida, o homem que matou a tiro duas pessoas e feriu outras duas, para classificar Pedro Dias.

Nas imagens utilizadas neste mesmo dia também se denotam diferenças. Tanto o *JN* como o *CM* optam por colocar um mapa para explicar mais facilmente o caso, o que ajuda os leitores a perceber mais facilmente o que terá acontecido, pois o percurso de Pedro Dias passa por vários locais.

Outra das imagens possíveis de ver nestes dois jornais vinculados é a fotografia do suspeito, que o *Público* nunca pública, optando apenas por fotografias dos locais onde aconteceram os crimes.

Neste caso podemos ver que são as opções editoriais que aqui prevalecem. Os mapas servem para ajudar o público a perceber mais facilmente o que se passou, e complementam o texto, pelo que a sua colocação nas peças é positiva. Por outro lado, o *Público* consegue explicar de forma mais compreensível o sucedido apenas recorrendo a texto, mas “obriga” o leitor a ler um texto comparavelmente mais extenso para perceber o que se passou.

Concluiu-se, assim, que a escolha das imagens depende do público-alvo de cada jornal. Uns escrevem para um público que não se importa de ler um texto extenso, mas de fácil compreensão, enquanto outros optam por simplificar ainda mais a linguagem através de mapas, e textos mais pequenos com títulos chamativos que servem para reforçar informações, muitas vezes, secundárias.

Quanto ao cumprimento dos critérios jornalísticos, podemos dizer que, neste caso em concreto, prevaleceu o fator interesse por parte do *JN* e do *CM* e o fator importância da parte do *Público*.

Podemos afirmar isto na medida em que, ao publicar títulos com palavras que chamam a atenção e com carácter sensacionalista, ao utilizar fotografias das vítimas e do suspeito e a noticiar vários ângulos paralelos separadamente (quando podiam ser todos aglomerados numa peça só, como o exemplo dos vários locais por onde o suspeito foi visto, ou o perfil das vítimas), e, muitas vezes, desnecessários e o facto, também, de publicarem uma ou mais peças sobre o caso quase todos os dias, demonstra que tanto o *CM* como o *JN* estavam interessados em manter o interesse dos seus leitores acerca do caso.

Já o *Público* ao publicar apenas três peças sobre o caso, recorrendo a fontes e a entrevistas às populações e não divulgando quase imagens acerca do caso (apenas os locais onde eles aconteceram) demonstra que optaram apenas por publicar aquilo que acharam importante.

No código deontológico é possível observar, por parte do *JN* e do *CM*, que o princípio da presunção da inocência não foi respeitado³⁶, quando o código deontológico afirma, no nº 7 que “o jornalista deve salvaguardar a presunção da inocência dos arguidos até a sentença transitar em julgado (...)”.

Também o nº 6 do CDJP não foi respeitado pelo *JN* e pelo *CM*³⁷, que diz que “o jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes”.

O nº 2 (“o jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais”) é outra das alíneas desrespeitadas pelo *Correio da Manhã* e pelo *Jornal de Notícias*³⁸.

Tendo em conta tudo acima descrito e todos os aspetos tomados em conta, é possível concluir que, dos três jornais analisados, o que melhor explica o caso do ponto de vista da informação/conceção das notícias é o jornal *Público*.

³⁶ Ver ponto 5 do capítulo III

³⁷ Ver ponto 1 do capítulo III

³⁸ Ver ponto 5 do capítulo III.

Apesar de o número de notícias publicadas ser relativamente menor que os outros dois jornais, as três peças publicadas pelo *Público* apresentam-se de forma mais completa e objectiva, com uma linguagem simples e com recurso a imagens e títulos de carácter objetivo.

Conclusão

Tendo decidido estudar ciências da comunicação e jornalismo na fantasia de, um dia, poder mudar o mundo através das “histórias” por si contadas, escrever esta dissertação de mestrado teve tanto de dificuldades como de virtudes.

A temática escolhida, já por si complexa, serviu para perceber e concluir que noticiar crime não é fácil e que se tem que ter em conta vários fatores que não estão presentes noutros tipos de notícias.

É necessário ter especial atenção aos termos utilizados e às fontes que se consultam, e, mais importante ainda, confirmar sempre o que se está a publicar, correndo o risco de estar a vincular informações falsas acerca do caso em questão.

Então, foi, assim, estudado o que é considerado crime, à luz do código penal português, o que é considerado notícia de crime e como esta se deve noticiar, à luz do código deontológico dos jornalistas portugueses.

Neste trabalho foram analisados três jornais diários portugueses, o *Correio da Manhã*, o *Jornal de Notícias* e o *Público*, e a forma como estes vincularam uma temática de crime que assolou Portugal no final do ano 2016, o caso de Pedro Dias, o alegado “homicida de Aguiar da Beira”.

As fotografias presentes nas notícias, as fontes a que recorreram, as assinaturas das peças, a utilização de termos e de linguagem subjetiva e a presença de factos falsos nas peças jornalísticas veiculadas foram analisados em todas as notícias acerca do caso publicadas por estes três jornais referidos, de forma a tentar perceber qual dos jornais melhor abordou o caso, no que ao jornalismo diz respeito.

Conclui-se, assim, depois de todos estes pontos analisados, que o *Jornal Público* foi o que, dos três analisados, melhor cumpriu o proposto.

Ao longo desta dissertação, verificaram-se algumas dificuldades na arrecadação e análise dos dados, uma vez que o número de amostras era elevado. No entanto, considera-se muito interessante a forma como três jornais, que têm em comum o facto de serem diários, noticiam de forma tão diversificada o mesmo caso, revelando assim que o mesmo assunto pode ser “visto” de formas bastante diferentes e ser alvo de várias interpretações distintas.

A escolha desta temática revelou tornar-se proveitosa, uma vez que permitiu concluir que o crime demonstra interesse aos leitores, pois é algo que está enraizado no público e pelo qual este demonstra bastante atenção e interesse.

Mais conclusões poderiam ser retiradas deste estudo, pois poderiam ter sido analisados mais jornais ou o caso mais “a fundo”, pois nunca nenhum trabalho pode ser dado por concluído, existindo sempre mais alguma coisa que ficou por fazer/dizer.

No entanto, aqui fica o estudo e a análise da “fuga mais mediática de Portugal”, por três dos principais jornais diários portugueses.

Bibliografia

- Cornu, D. (2000). *Jornalismo e Verdade - Para uma ética da informação*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Correia, F. (2000). *Os Jornalistas e as Notícias*. Lisboa, Caminho, Nosso Mundo.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001). Lisboa, Editorial Verbo.
- Graça, S. (2007). *Os Jornalistas Portugueses: Dos Problemas de Inserção aos Novos Dilemas Profissionais*. Coimbra, Minerva Coimbra.
- Laranjo, T. (2017). *O Fugitivo, A História de Pedro Dias*. Alfragide, Oficina do Livro.
- Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança. Discursos do medo, imagens do «outro»*. Lisboa, Editorial Notícias.
- Natalício, N. (s.d). *Manual Prático do Jornalista*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- Noblat, R. (2003). *A Arte de fazer um Jornal Diário*. São Paulo, Editora Contexto.
- Nunes, L. et al. (2017). *Crime e Segurança nas Cidades Contemporâneas*. 1ª edição. Porto, Fronteira do Caos.
- Penedo, C. C. (2003). *O crime nos Media: o que nos dizem as notícias quando nos falamos de crime*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Rodrigues, C. (1999). *Comunicar e Julgar*. Coimbra, Livraria Minerva Editora.
- Pina, S. (2000). *A Deontologia dos Jornalistas Portugueses*. Coimbra, Minerva.
- Sousa, J.P. (2004). *Introdução à análise do Discurso Jornalístico Impresso- um guia para estudantes de graduação*. Brasil, Letras Contemporâneas.
- Sousa, J.P. (2005). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Brasil, Letras Contemporâneas.
- Traquina, N. (1997). *Jornalismo - Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa, Comunicação e Linguagens.

Páginas Institucionais Consultadas

Código Deontológico dos Jornalistas – <http://www.bocc.ubi.pt/pag/Codigo-Deontologico.pdf>

Direito de Resposta - <http://www.apimpressa.pt/files/news/84/brochura-erc-direitos-de-resposta-e-de-retificacao.pdf>

Estatuto editorial do Correio da Manhã - http://www.cmjornal.pt/mais-cm/lei-da-transparencia/detalhe/estatuto_editorial

Estatuto Editorial do Jornal de Notícias - <https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>

Estatuto editorial do *Público* - <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>

Lei da Imprensa - http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=138&tabela=leis

Princípio da Presunção da Inocência - <http://www.inverbis.pt/2012/artigosopiniao/albinomatos-presuncao-inocencia>

Anexos

ANEXO 1

CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO JORNALISTA (Aprovado em 4 de maio de 1993, em Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas)

1. O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público.
2. O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais.
3. O jornalista deve lutar contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito de informar. É obrigação do jornalista divulgar as ofensas a estes direitos.
4. O jornalista deve utilizar meios legais para obter informações, imagens ou documentos e proibir-se de abusar da boa-fé de quem quer que seja. A identificação como jornalista é a regra e outros processos só podem justificar-se por razões de incontestável interesse público.
5. O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta retificação das informações que se revelem inexatas ou falsas. O jornalista deve também recusar atos que violentem a sua consciência.
6. O jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação, nem desprezar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas. As opiniões devem ser sempre atribuídas.
7. O jornalista deve salvaguardar a presunção de inocência dos arguidos até a sentença transitar em julgado. O jornalista não deve identificar, direta ou indiretamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade, assim como deve proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor.

8. O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo.

9. O jornalista deve respeitar a privacidade dos cidadãos exceto quando estiver em causa o interesse público ou a conduta do indivíduo contradiga, manifestamente, valores e princípios que publicamente defende. O jornalista obriga-se, antes de recolher declarações e imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas.

10. O jornalista deve recusar funções, tarefas e benefícios suscetíveis de comprometer o seu estatuto de independência e a sua integridade profissional. O jornalista não deve valer-se da sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenha interesse.

ANEXO 2 - Única notícia do Jornal Público sem recurso a imagens;

12 • Público • Quinta-feira, 20 de Outubro de 2016

SOCIEDADE

GNR revista quinta atrás de Pedro João Dias

Segurança

Dono da propriedade diz que não vê amigo há anos. Autoridades estiveram ontem em várias aldeias de Vila Real

Ao início da tarde de ontem, a GNR realizou buscas na Quinta da Gregoça, em Sabrosa, Vila Real, onde vive um amigo do suspeito dos crimes de Aguiar da Beira. A GNR, que está a colaborar com a Polícia Judiciária neste caso, esteve durante o dia em várias aldeias de Vila Real, concentrando à noite os meios na zona de Gache.

"Temos acesso a um conjunto de informação que só conseguimos despistar no terreno", explicou ao início da noite o major Paulo Gomes, oficial de serviço no Centro de Comando e Controlo Operacional da GNR. O responsável adiantou que desde domingo que a GNR tem, em Vila Real, um forte dispositivo com o Grupo de Intervenção de Operações Especiais, negociadores e equipas cinotécnicas.

O dono da Quinta da Gregoça disse ontem à Lusa que não vê o amigo há seis ou sete anos. Os jornalistas conseguiram observar algumas diligências policiais no local, mas só à distância.

A GNR mantinha ontem à noite meios no terreno para tentar deter o suspeito, centrando atenções em Vila Real, disse o porta-voz da GNR, major Marco Cruz.

O fugitivo é suspeito de matar um militar e um civil, em Aguiar da Beira, na Guarda, além de ter causado ferimentos a outras duas pessoas, uma delas também militar da GNR, e tem sido procurado desde o dia 11, data dos primeiros acontecimentos.

Na fuga, o homem terá sido já localizado em Arouca, Aveiro, e na zona de São Pedro do Sul, onde um militar da GNR se terá baleado a si próprio, numa queda. No domingo, uma patrulha da GNR também terá localizado o suspeito, em Vila Real, mas o homem acabou por conseguir fugir. Já na segunda-feira, junto à aldeia de Carro Queimado, foi encontrada a viatura que o homem terá roubado em Arouca para se deslocar até Vila Real. Em Arouca, o homem também terá sequestrado duas pessoas, causando-lhes igualmente alguns ferimentos. PÚBLICO/Lusa

Proibido fumar à porta de escolas e hospitais? Deputados têm dúvidas

Saúde
Alexandra Campos

Propostas de alteração à lei do tabaco foram postas em causa no Parlamento, durante o debate na generalidade

A proibição de fumar a menos de cinco metros de espaços como parques infantis, hospitais, farmácias e escolas, proposta pelo Governo, é olhada com reservas pelos deputados no Parlamento, incluindo os socialistas. As restrições de fumar em espaços ao ar livre "podem não se justificar", defendeu ontem a deputada do PS Elza Pais, para quem a proposta deve ser alvo de discussão com peritos, no debate na especialidade.

Depois da introdução de imagens de choque nos maços de tabaco, em vigor desde Janeiro, esta nova proposta de alteração da lei do tabaco — aprovada em Conselho de Ministros há um mês — prevê ainda que sejam alargadas aos cigarros electrónicos e aos "novos produtos do tabaco sem combustão" as proibições de fumar já em vigor e as que no futuro vierem a ser aprovadas. "Não são conhecidos de forma robusta e cientificamente comprovada todos os efeitos que podem advir do consumo continuado destes novos produtos", justifica-se.

Uma alteração que já foi contestada pela deputada socialista Isabel Moreira, para quem "equiparar um cigarro electrónico a um cigarro [tradicional] é o mesmo que equiparar um cigarro a leite". Mas a proibição de fumar ao ar livre a menos de cinco metros das portas e janelas de um grande número de espaços escolares (bibliotecas, ginásios, cantinas, entre outros) foi a que suscitou ontem mais dúvidas no Parlamento durante o debate na generalidade da polémica proposta que prevê para os fumadores infractores coimas que vão dos 50 aos 750 euros.

"Parece-nos algo arbitrário estabelecer uma distância mínima de cinco metros. Porque cinco e não 10 ou 15?", perguntou o social-democrata Luís Vales, durante o debate. "Por que é que esta proibição não é



Em causa está a proibição de fumar a menos de 5 metros de escolas

alargada também aos lares" de idosos, questionou ainda o deputado que criticou o tempo — "mais de um mês" — que o Governo demorou a enviar a proposta para o Parlamento. Luís Vales também mostrou dúvidas sobre a equiparação dos cigarros electrónicos ao tabaco convencional. "Corre-se o risco de [esta medida] poder conduzir a uma inflação", considerou o deputado, que teme que a medida possa "comprometer a motivação" dos fumadores que passaram a usar este tipo de produtos.

Também Moisés Ferreira, do BE, sustentou que esta proposta deve ser "bastante melhorada", porque é pre-

ciso encontrar "um equilíbrio" entre os direitos dos chamados fumadores passivos e os direitos "legítimos" de quem é consumidor.

Já a deputada do CDS-PP, Teresa Caeiro, estranhou a "pressa" com que esta proposta foi apresentada, numa altura em que ainda não foi feita uma avaliação dos resultados da primeira alteração à lei do tabaco. "Estamos a seguir as boas práticas internacionais", retorquiu o secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Fernando Araújo, para quem não faz qualquer sentido esperar pela avaliação da primeira alteração à lei para se avançar com outras medidas de protecção. "São questões totalmente diferentes", enfatizou.

Os deputados manifestaram igualmente reservas em relação a outra proposta de lei debatida no Parlamento, a que define e regulamenta as competências (actos em saúde) dos médicos, enfermeiros, farmacêuticos, médicos dentistas, nutricionistas e biólogos. "Tem que ser melhorada", até para incluir outros profissionais de saúde, reclamou Carla Cruz, do PCP, enquanto André Silva, do PAN, lamentou que a proposta seja "genérica e omissa". "Pode abrir caminho a um conflito entre profissionais", avisou Moisés Ferreira.

Questionando os escassos minutos reservados no Parlamento para a discussão destas propostas de lei, Ângela Guerra, do PSD, enfatizou que estas são matérias que requerem "uma abordagem séria e serena". Após discussão na generalidade, as propostas de lei passam para a especialidade.

alexandra.campos@publico.pt

Hospital de São João vai contratar anestesistas

Porto
Margarida Gomes

Administração confirma saída de vários especialistas para outros estabelecimentos de saúde

O Centro Hospitalar São João (CHSJ) no Porto, anunciou ontem que o pital vai contratar médicos para matar" a saída de anestesistas estão de partida para outros estabelecimentos de saúde. Em comunicado, o CHSJ disse que "estão previstas contratações suficientes para garantir as necessidades identificadas". O esclarecimento surge após a notícia do PÚBLICO que ontem deu conta da saída de anestesistas do hospital. A propósito desse artigo, poré assessor do CHSJ, então questionado sobre a saída de médicos e o pedido de demissão da directora do serviço de Anestesiologia, Fátima Pina, nada adiantou. Disse aliá



Várias fontes hospitalares garantem que a falta de anestesistas está a inviabilizar cirurgias

o conselho de administração mentaria "as questões colocadas

O comunicado garante que "CHSJ mantém a prestação de cuidados assistenciais, não tendo qualquer situação de alarme imediato". Mas várias fontes hospitalares confirmaram que a falta de anestesistas impediu recentemente a abertura de alguns blocos operatórios inviabilizando cirurgias. As fontes de serviço a que o PÚBLICO acesso também o indicam.

O CHSJ referiu que Fátima Pina se demitiu, mas a demissão há que está em cima da mesa. Fontes hospitalares garantiram que pouco depois da administração ter dado posse, a médica pediu para o cargo, uma vontade que ficou da a pedido da administração depois das férias de Verão. As fontes dizem que a médica mesmo de saída, aguardando a resposta do director clínico.

margarida.gomes@publico.pt



ANEXO 3 - Artigo do Jornal de Notícias que recorre ao bispo das forças armadas e ao presidente da associação dos profissionais da Guarda;

Jornal de Notícias 14 de outubro de 2016
17



Funeral Luís Pinto vai hoje a enterrar

O funeral de Luís Pinto, de 29 anos, está marcado para hoje, às 17 horas no cemitério de Aguiar da Beira, os militares da GNR, fardados, colocaram-se de um lado e de outro, fazendo um corredor ao longo do caminho calcetado para prestar a última homenagem ao colega Carlos Caetano, de 29 anos. A ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, também participou nas cerimónias fúnebres, mas não quis prestar declarações.



Carlos Caetano
29 ANOS
AGUIAR DA BEIRA

Solteiro, mal acabou o 11.º ano, quis ser GNR e conseguiu. Depois de ter cumprido serviço em Seia, estava há quatro anos no posto de Aguiar da Beira, onde nasceu e onde foi enterrado a sepultar. Foi baleado em várias partes do corpo e colocado na bagageira da viatura da GNR, que foi deixada no meio de um pinhal, junto da EN 229.

Aguiar da Beira Ministra participou no funeral de GNR morto a tiro

“Carlos, és o nosso herói”

► Ao longo dos cerca de 20 metros que separam a capela dos Cepos e o cemitério de Aguiar da Beira, os militares da GNR, fardados, colocaram-se de um lado e de outro, fazendo um corredor ao longo do caminho calcetado para prestar a última homenagem ao colega Carlos Caetano, de 29 anos. A ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, também participou nas cerimónias fúnebres, mas não quis prestar declarações.

Carlos Caetano, com nove anos de serviço, foi assassinado a tiro, na madrugada de terça-feira e o corpo foi deixado num pinhal, dentro da bagageira da viatura de serviço. O funeral ocorreu a menos de um quilómetro dali, na estrada nacional 229, entre Viseu e Aguiar da Beira.

“É o meu herói, és o nosso herói”, gritava uma voz feminina, numa mensagem de despedida, que pediu uma salva de palmas para Carlos, que também recebeu uma salva de tiros. Há militares que a todo o custo tentam segurar as lágrimas. Há centenas de amigos, familiares, militares vestidos à civil. Há jovens que seguram rosas brancas: “Somos amigas da irmã do Carlos”, esclarece uma delas, com os olhos inchados pelo choro.

O bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, Manuel Linda, enviou uma mensagem que foi lida durante o funeral. Primeiro um alerta: “Qualquer dia sujeitamo-nos a que poucos ou nenhuns queiram entrar nesta Força de Segurança, porque a dureza da vida é enorme, a exposição social incómoda e a compensação, concretamente o salário, é muito pequena”.

Depois o apelo: “Dê-se à GNR e às restantes Forças de Segurança os metos humanos e técnicos, os equipamentos e a formação sem os quais não podem afrontar o mal que cada vez mais parece ressurgir com mais intensidade”, afirmou.

Na mensagem, D. Manuel Linda realçou que se vive numa sociedade onde “se mata por dá cá aquela pa-

Família e amigos choraram a perda de Carlos Caetano



Ministra Constança Urbano de Sousa foi ao funeral e emocionou-se



Muitos amigos compareceram nas cerimónias fúnebres em Aguiar da Beira



frases :



“O Carlos era um bom rapaz, uma pessoa muito simples. A irmã dele é amiga da minha filha. Sobre o que lhe aconteceu, nem consigo fazer comentários”
Paula Pinto
Amiga da vítima, de Coruche



“É uma pena ter falecido um rapaz tão jovem. Acho escandaloso o que lhe aconteceu e quem fez este trabalho anda à solta e ainda vai fazer pior”
José dos Santos
Amigo de Carlos



“Vou recordar o sorriso do Carlos, a amizade e o companheirismo dele. Trabalhámos juntos no posto de Louriga. Ele era prudente e responsável”
Fernando Mendes
Amigo da GNR, em Louriga



ANÍBAL COUTINHO

CAEM AS FOLHAS DA VINHA

A PARTIR DE HOJE OS AVINHOS DO ALENTEJO celebram o final das vindimas com a sua grande prova anual em Lisboa. Também os supermercados nacionais lavam os cestos das suas feiras de vinhos durante este fim de semana. As vinhas, após à geração e colheita dos novos frutos, desnudam-se da folhagem e entram num período de poupança de energia, uma dormência que atravessará o inverno e parte da primavera. Durante o longo posuío, o homem podará as vinhas, deixando a carga de fertilidade adequada à próxima colheita e perpetuando, assim, um ciclo anual que nos acompanha há milhares de anos e que cruza todas as gerações desde a formação da Nacionalidade. Celebramos as vinhas e o vinho de Portugal, com o tinto regional alentejano Folha da Vinha Reserva 2014, premiado com a medalha de Excelência no Concurso UVA DE OURO 2016, projeto que também entra em gestão até à próxima primavera, com a chegada da quinta edição e de novas colheitas e vinhos e premiados.



Aníbal Coutinho



ANEXO 4 e 5 - Dois artigos do Jornal de Notícias onde não é referido nenhum tipo de fonte;

Jornal de Notícias 13 de outubro de 2016 17

Dois mortos a tiro



Carlos Caetano
29 ANOS
AGUIAR DA BEIRA
Solteiro, mal acabou o 11.º ano, quis ser GNR e conseguiu. Há quatro anos que estava no posto de Aguiar da Beira, onde nasceu e onde hoje, às 17 horas, se realizará o funeral.



Luís Carlos Pinto
29 ANOS
PALHAIS – TRANCOSO
Casado com a outra vítima do carjacking, Liliane Mara Pinto, com quem seguia para Coimbra para uma consulta de fertilidade. Era tesoureiro na Junta de Freguesia de Palhalis.

Fátima Peregrinos rezam pelas vítimas

Um grupo de peregrinos que partiu no sábado de Aguiar da Beira, em direção ao Santuário de Fátima, foi surpreendido com a notícia do crime. "Conhecia o GNR e o casal baleado. Não se compreende o que leva alguém a cometer esta barbárie. Vamos rezar por eles e pela família", disse ontem, ao JN, António Ferreira.

Arouca Amigos elogiam suspeito, mas população tem medo

"Ninguém está a salvo enquanto não o apanharem"

► As palavras "medo" e "surpresa" ouviam-se repetidas a cada passo, ontem, na vila de Arouca. Ninguém esperava que Pedro Dias, que cresceu e casou na terra, fosse suspeito dos homicídios de anteontem em Aguiar da Beira, mas agora é o sentimento de insegurança que paira no conceito. "Ninguém está a salvo enquanto não o apanharem", disse ontem ao JN um arouquense. Em Arouca, poucos foram ontem os que quiseram dar a cara e falar do suspeito, com exceção daqueles que há muito o conhecem e permanecem incrédulos com as notícias. "Quem o visse, parecia um paz de alma, respeitador, brincalhão. Matar, ninguém diria", dizia um popular, no centro da vila. "Isto é um meio pequeno, agora ninguém está bem. Temos medo", acrescentava outro. "Está toda a gente com medo. É horrível", enfatizava uma arouquense, que falava, contida, sobre uma pessoa que conhece bem. Morada fixa e emprego fixo em Portugal ninguém conhece a Pedro Dias, para além de alguma criação de animais para venda (a família tem uma quinta na localidade de Várzea) e de que teria sido piloto na África do Sul, onde este emigrado uns poucos de anos, segundo uns vizinhos dos pais. Todos os contactados pelo JN lhe



reconhecem traços de rebeldia e até o envolvimento passado em furtos, mas é a boa disposição e a camaradagem que quem conhece Pedro Dias destaca ao JN. "É um indivíduo excepcional, sempre bem-disposto, amável, amigo do amigo, de boa família. Custa-me a acreditar que tenha chegado ao ponto de matar", nota o amigo António Sousa. "Só se estivesse fora de si, com drogas, ou agisse em reação a qualquer situação má", acrescenta, admitindo ainda que tivesse atuado acompanhado. Também Ângelo Miranda, da vizinha União Panificadora Central Arouquense, que conhece Pedro Dias desde criança, sustenta que é um pessoa de muitos amigos, que não vê a matar. "Não devia levar o rótulo de assassino, sem se saber o que aconteceu", defende. "Ficámos surpreendidos. É um porreiraco", afirmou outro vizinho da Várzea. Pedro Dias era muitas vezes visto em Arouca e até ajudou no combate aos incêndios na serra da Freita, no verão, segundo Diogo Cardoso, que o conheceu nessa situação. ●

António Sousa diz que suspeito de homicídio "é excepcional, amigo do seu amigo"

“O que aconteceu lá, nós não sabemos. Não devia levar o rótulo de assassino sem se saber o que aconteceu. Chegar ao ponto de matar, não acredito”

Ângelo Miranda, Comerciante em Arouca

Tira curso em África e só tem uma hora de voo em Portugal



Pedro João Dias, suspeito de homicídio

SUSPEITO Pedro João Pinho Dias, de 44 anos, divorciado, com duas filhas (uma de uma relação recente), é conhecido em Arouca por "Piloto", mas apenas terá feito uma hora de voo em Portugal. O principal suspeito da morte de um GNR, de um civil, de ferir a tiro uma mulher e mais dois guardas, anteontem, entre Aguiar da Beira e S. Pedro do Sul, escapou ontem nas encostas da serra da Freita a uma perseguição feita por cerca de 200 militares, acompanhados de cães. As más condições atmosféricas beneficiaram-lhe a fuga pelos montes. Nasceu no seio de uma família abastada de Arouca, com mãe professora e pai engenheiro, pais muito conceituados naquela localidade onde cresceu, Pedro João Dias nasceu em Angola e tem uma irmã. E foi na África do Sul que tirou a licença de piloto privado, designada PPL. Ao que conseguimos apurar, esse documento está caducado. O fugitivo terá, porém, um cartão de aluno de piloto emitido pela Autoridade Nacional da Aviação Civil (ANAC), mas em Portugal só tem uma hora de voo. Conhecida essa aptidão para a aviação, chamam-lhe "Piloto", mas nunca exerceu essa profissão em Portugal. Ultimamente, não era visto em Arouca, onde teve problemas com as autoridades devido ao comércio de aves exóticas. Ali também negociaria com animais. ●



DIAS AUTO SUECO

AUTOMÓVEIS

OFERTAS
CHECK UP'S GRATUITOS
DESCONTOS NA MANUTENÇÃO
E MAIS...

SÁBADO, 15 DE OUTUBRO, DAS 09H00 ÀS 18H00

ALMADA / BRAGA / GUIMARÃES / PORTO / QUELUZ / V. N. GAIA

AutoSueco
AUTOMÓVEIS

NORS
www.nors.com

Justiça

Aguiar da Beira Pedro João Dias já foi alvo de várias queixas por furto e também foi suspeito de tráfico de armas e de droga

Investigado cinco vezes antes dos homicídios



Pedro João Dias é suspeito de ter matado um GNR, baleado outro e alvejado um casal, em Aguiar da Beira

Visibilidade do dispositivo policial foi drasticamente reduzida desde a quantidade de meios no terreno nos primeiros dias de fuga

Oscar Queirós
justica@jn.pt

▶ Até disparar sobre um militar da GNR, na madrugada do dia 11, em Aguiar da Beira, Pedro João Dias já tinha sido investigado cinco vezes pelas autoridades. A maior parte delas por casos de furto, mas numa delas chegou a ser apontado como detentor de várias armas e até de haxixe.

Até 2005, Pedro João Dias era completamente desconhecido dos serviços de polícia ou justiça. O "anonimato" policial terminou em 2006, ano em que surge como vítima de furto. Apresentou queixa contra desconhecidos pelo furto de documentos, cartões bancários e cheques. O caso seria arquivado um ano depois porque nunca foram identificados os alegados autores.

Em 2009, começam as queixas contra si. A primeira é pelo pretenso furto de uma carteira com 20 euros e o queixoso será um familiar da companheira. Pedro João negou a autoria do furto e o caso foi arquivado. Meses depois,

particularidades :

13

dias de fuga já se passaram desde que, na madrugada de dia 11 de outubro, Pedro Dias baleou as vítimas antes de desaparecer.

Compras denunciaram

• Tanto na casa de Moldes, em Arouca, onde Pedro João sequestrou a filha da inquilina e um vizinho, como na casa de Paços, Sabrosa, entretanto passada a pente fino pela PJ, foram encontrados restos de compras feitas em supermercado e comida cozinhada. Tudo indicia que teve ajuda.

Chuva dificulta missão

• As intensas chuvas que caíram no Norte do país, ontem, dificultaram a missão das autoridades, que continuam na zona entre Vila Real e Sabrosa a realizar diligências.

nova denúncia de alegado roubo levou as autoridades a fazer buscas na sua quinta, sendo-lhe apreendidos três pares de binóculos, três chapas de matrícula, um corta-aramas, um capuz passamontanhas, uma caçadeira e munições. "Piloto", que é agricultor de profissão, justificou, à época, a posse de algum deste material como sendo necessário para a quinta, nomeadamente a arma, que serviria para espantar raposas, lobos e javalis.

Pouco depois, nova denúncia leva as autoridades a apreenderem-lhe um macaco e várias aves exóticas protegidas, a cujo comércio, ilícito, se dedicaria.

Emigrou para a África do Sul
Logo após esta queixa, Pedro João rumou à África do Sul. Aos amigos explicou a viagem como sendo "essencial" para "preparar a sua defesa", pois as queixas contra si, da parte da ex-companheira, não iriam parar, o que lhe dificultaria "defender-se convenientemente", contou ao IN um amigo. E, por isso, Pedro João já não estava em

Portugal quando, numa operação de trânsito, a GNR mandou parar um camião carregado com fardos de palha, conduzido por um familiar de Pedro João. Terá sido outra denúncia, já que as autoridades insistiram em verificar tudo, fardo, por fardo, acabando por encontrar no interior de um deles um autêntico arsenal que incluía caçadeiras, carabinas, pistolas, cartucheiras, centenas de munições e uma quantidade "significativa" de haxixe.

O condutor do camião afirmou aos militares que tinha sido Pedro João quem lhe pedira para guardar os fardos e que desconhecia a carga. Quando regressou a Portugal, o visado afirmou desconhecer qualquer carregamento ilegal, adiantando, mais uma vez, que alguém o procurava tramar. O assunto ficou à espera de melhor prova.

A única vez que foi julgado e condenado foi no ano passado. A ex-mulher acusou-o de violência doméstica e Pedro João acabaria condenado a uma pena de prisão, remível a multa, que pagou. •

vítimas :

CARLOS CAETANO

• O militar Carlos Caetano, de 29 anos, foi abatido a tiro junto a um hotel em construção, após ter fiscalizado Pedro João Dias. Estava há quatro anos no posto de Aguiar da Beira e antes tinha estado a prestar serviço em Seia.



LILIANE E LUÍS PINTO

• O casal, de Paços de Salgueiros em Trancoso, ia para uma consulta de fertilidade em Coimbra, quando foi baleado pelo fugitivo. Luís Pinto, 28 anos, morreu no local e Liliane, de 26, continua a lutar pela vida no hospital.



ANEXO 6 - Exemplo de peça publicada que não informa de onde provém a fonte, no CM - "Segundo o CM apurou" ou "O CM sabe"

10 | ATUALIDADE

DOMINGO 23 OUTUBRO 2016 CORREIO

CAÇA AO HOMEM
HÁ 12 DIAS EM FUGA À POLÍCIA

ESTADO DE SAÚDE | **AGRAVOU-SE**
O estado de saúde de Liliane Pinto agravou-se ontem. Contudo, a família da mulher tem esperança de que esta ainda venha a recuperar dos ferimentos graves ao nível da cabeça. Liliane Pinto está internada no Hospital de São Teotónio, em Viseu. O marido foi morto a tiro por Pedro Dias.

ATUALIDADE III

VILA REAL



1 Caseliro deu conta às autoridades de que a residência foi alvo do arrombamento das portas. 2 Inspetores da Polícia Judiciária estiveram na residência a recolher vestígios, entre os quais sangue

Rasto de sangue em casa assaltada

REFÚGIO Encontrados vestígios que serão de Pedro Dias numa moradia em Paços, Sabrosa
FURTO Desapareceram binóculos da habitação onde o homicida em fuga se terá escondido

TÂNIA LARANJO/FÁTIMA VILAÇA
Pedro Dias, o duplo homicida que ontem permaneceu há doze dias fugido às polícias, terá assaltado uma casa em Paços, no concelho de Sabrosa, para lá pernoitar (não se sabe por quantos dias) e se alimentar. O homem mais procurado do País deixou marcas de sangue dentro da habitação, que terá sido invadida através do arrombamento das portas. Pelo menos um par de binóculos terá desaparecido da casa.

Segundo apurou o CM, as autoridades encontraram ainda indícios de terem sido feitas refeições na casa desocupada recentemente. O alerta às autoridades foi dado por uma pessoa responsável pela limpeza da casa, perto da hora de almoço de ontem. A moradia fica a cerca de meio quilómetro da Quinta da

Gregoça, que foi alvo de buscas cujo proprietário chegou a ser amigo de Pedro Dias.

A PJ esteve no local a recolher indícios e a tentar verificar se o sangue em pelo menos dois locais da casa. Este assalto aconteceu depois de, na última terça-feira, Pedro Dias ter alegadamente furtado casacos, gorros e um cobertor de uma casa em Tojais, perto das autoestradas A4 e da A24.

O homicida, que matou o GNR Carlos Caetano, de 26 anos, e o civil Luís Pinto, de 29, ferindo ainda duas pessoas com gravidade - um outro militar e Liliane, mulher de Luís - terá sido visto nesse mesmo dia em Assento. Os crimes ocorreram a 11 de outubro, em Aguiar da Beira. Disparou a matar sobre o militar Carlos Caetano quando este verificava a documentação do carro em que seguia e recebeu o aviso do posto da GNR de que Pedro Dias costumava andar armado e era perigoso. Sequestrou o segundo militar e atirou contra um casal num carjacking.

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

Sequestrou casal em Arouca e fugiu
Após os homicídios, Pedro Dias escapou para São Pedro do Sul e Arouca, onde tem residência. Este ve escondido até ser surpreendido numa casa desabitada, dia 16, em Arouca. Sequestrou mulher e um vizinho e fugiu no ca da vítima para Vila Real.

Habitação isolada no cimo de mont
A moradia que Pedro Dias poderá ter invadida é isolada, oferecendo refúgio seguro, uma via que ninguém se aperceberia da sua permanência local. Homicida conheceu a zona por causa da ca

Pedro Dias é responsável pela morte de um militar da GNR e de civil. GNR e Polícia Judiciária, ontem, no local por onde homicida terá passado

FORAM AINDA RECOLHIDOS INDÍCIOS DE QUE TERÁ SIDO ALI FEITAS REFEIÇÕES
arrombamento está relacionado com a fuga de Pedro Dias, que ali pode ter procurado refúgio. Foram encontrados vestígios de

CORREIO

ANEXO 7 - Mapa da 1ª notícia do caso no *Jornal de Notícias*

12 de outubro de 2016 *Jornal de Notícias*

Primeiro Plano



Crime em Aguiar da Beira



GNR avisa moradores que não abram a porta

Ao início da noite de ontem, a GNR emitiu um comunicado a alertar os moradores das aldeias de Candal, Póvoa das Leitas e Coelheira, na serra da Freita, a ficar em casa, a não abrir a porta a estranhos e a ligar para o 112 e para o 232 467 940 se vissem o suspeito.

tríplice homicídio : GNR e homem morto a tiro e feridos dois guardas e uma mulher

1 3.50 HORAS
Aguiar da Beira
Quinta das Lameiras
Patrulha pede à sala de situação da GNR da Guarda dados sobre viatura suspeita. E deixa de dar sinal de vida.

7.25 HORAS
Militares da sala de situação da GNR estranham silêncio da patrulha e mandam guardas para o local onde a viatura (com sistema de georeferenciação) está parada.
Encontram Carlos Caetano, de 29 anos, morto, na mala do carro. Minutos depois encontram o outro GNR, também baleado mas com vida, algemado na zona Industrial de Aguiar da Beira

2 10 HORAS
A cinco quilómetros do local onde encontraram o carro da GNR, os militares seguem rasto de sangue na estrada e encontram um homem morto junto a uma mulher ferida a tiro, que luta pela vida no hospital. Terão sido vítimas de carjacking pelo suspeito de balear os dois GNR

3 12.30 HORAS
Numa operação Stop, GNR identifica carro do suspeito que consegue fugir. Há troca de tiros entre eles e as autoridades

4 13 HORAS
Um suspeito é identificado pela GNR, mas volta a fugir depois de ter baleado outro guarda. É lançada a caça ao homem, com helicóptero do GIDE naquela zona junto a serra da Freita. O suspeito reside em Arouca e é conhecido por "Piloto"

2 MORTOS
3 FERIDOS

Caça ao principal suspeito dos homicídios em Aguiar da Beira terminou na serra junto às aldeias de Candal, Póvoa das Leitas e Coelheira

Aguiar da Beira GNR morto com tiro na cabeça. Casal baleado quando ia a uma consulta a Coimbra

"Piloto" de Arouca suspeito de matança

Alexandre Panda, Sandra Ferreira e Madalena Ferreira
justica@jn.pt

Um militar da GNR morto, mais dois feridos e um casal (o homem morreu) de civis baleado. Terá sido tudo obra de um único suspeito, que até ao final do dia de ontem continuava a ser procurado por um forte dispositivo policial. Deixara a sua identificação no local do crime.

o que levou as autoridades a lançarem um alerta nacional para a sua identificação e captura. Logo foi feita a caça ao principal suspeito, tido como sendo Pedro João Dias, de 44 anos, de Arouca. Tudo começou quando Carlos Caetano, de 29 anos, e António Ferreira, de 41 anos, militares da GNR de Aguiar da Beira, patrulhavam a cercania de um hotel em construção, na Quinta da Lameira.

Os militares, ao verem aproximar-se uma carrinha Toyota azul que levantou suspeita, mandaram-na parar. Segundo o IN apurou, o condutor saiu da viatura e disparou imediatamente sobre o guarda Carlos Caetano, que morreu logo ali com um tiro na cabeça. Em ato contínuo, o suspeito de homicídio obrigou o outro guarda a transportar o colega para a bagageira do carro-patrulha e a con-

duzir a viatura até ao parque industrial da vila. Nesse local, onde veio a ser encontrado horas mais tarde, o agente sobrevivente foi algemado, baleado com um tiro no pescoço e deixado prostrado no chão. De seguida, o homicida assumiu o comando do carro da GNR, voltou ao local onde abateu Carlos Caetano e al abandonou a viatura policial. Foi nessa altura que se dirigiu para a estrada na-

cional que liga Aguiar da Beira e Viseu (EN 229), onde passava um casal com cerca de 25 anos a caminho de uma consulta em Coimbra. Baleou o casal, a quem roubou o carro para fugir. "Enquanto procurávamos provas no local onde foi encontrado o militar na bagageira do carro de patrulha, encontramos na mesma zona dois civis. O homem estava morto e a mulher gravemente fe-

ANEXO 8 - Imagens do funeral de uma das vítimas no *Jornal de Notícias*

Jornal de Notícias 15 de outubro de 2016

17

Três das quatro vítimas



Carlos Caetano
29 ANOS
AGUIAR DA BEIRA
Solteiro, quis ser GNR mal acabou o 11.º ano, e conseguiu. Depois de ter cumprido serviço em Seia, estava há quatro anos no posto de Aguiar da Beira, onde nasceu e onde foi anteontem a sepultar.

Liliane Mara Pinto
26 ANOS
PALHAIS - TRANCOSO
A mulher de Luís, que está a lutar pela vida no Hospital de Viseu, trabalha no lar da Misericórdia de Trancoso e tinha como sonho ter um filho com o marido que não resistiu aos ferimentos.



Luís Carlos Pinto
29 ANOS
PALHAIS - TRANCOSO
Empreiteiro e tesoureiro da Junta de Freguesia de Palhais, em Trancoso, seguiu para uma consulta de fertilidade com a mulher, Liliane, em Coimbra, quando foram alvejados por Pedro João Dias.

Polícias acreditam que fugitivo recebe ajuda

► Fez esta madrugada 76 horas que Pedro João Dias, conhecido pela alcunha de "Piloto", está em parte incerta, e cada vez mais as autoridades acreditam que está a beneficiar de ajuda de alguém que aceitou escondê-lo e alimentá-lo. Ontem, a Polícia Judiciária fez buscas domiciliárias em várias localidades do concelho de Arouca, precisamente em casas de amigos de longa data de "Piloto".

As pistas privilegiadas da investigação apontam para que ele se mantenha num raio relativamente limitado do local onde foi visto pela última vez, na serra da Freita, onde abandonou o veículo pick-up. A partir dali, poderá ter conseguido atingir o interior do concelho de Aguiar da Beira, Arouca ou mesmo fugido para For-

"Piloto" anda em fuga desde a madrugada de terça-feira

nos de Algodres, locais onde mantêm sólidas amizades e onde, apesar dos homicídios, há pessoas a descrevê-lo como um "homem bom", um grande amigo. Certo é que a Polícia Judiciária da Guarda mantém o principal foco da investigação na zona de Arouca. No entanto, em Espanha, a Guardia Civil continua com fiscalizações preventivas, depois de ter recebido da PJ pedidos de reforço da colaboração, que também se estenderam a França.

ALEXANDRE PANDA E MADALENA FERREIRA



Centenas de pessoas choraram a perda de um filho da terra em Palhais, onde era muito estimado



Pai de Luís chora a perda do filho, assassinado quando ia com a mulher a Coimbra, para uma consulta de fertilidade



Maria Irene Silva
vizinha de Luís
"O Luís era muito bom moço e trabalhador. Construiu a casa dele sozinho. Isto é uma tragédia muito grande, que vai custar a esquecer"



José Lino
Tio da vítima
"O Luís era muito bom rapaz. Não merecia isto. Só espero que apanhem o responsável pela morte dele. A família é que devia fazer justiça"

Padre acalmou revolta no funeral de Luís

TRANCOSO Há sede de justiça. O desejo era ontem ouvido pela população de Palhais (Trancoso) que participou em peso na última homenagem a Luís Pinto, de 29 anos, o construtor civil e tesoureiro da Junta de Freguesia, que, tal como o militar da GNR Carlos Caetano, da mesma idade, foi assassinado a tiro em Aguiar da Beira, vítima de carjacking. A mulher, de 26 anos, com quem vivia em Benvente, Liliane Mara, também atingida a tiro, continua em estado crítico na uni-

dade de cuidados intensivos no Centro Hospitalar Tondela-Viseu. "Sou católico, mas num caso destes, se apanhassem o suspeito, não era para a cadeia que devia ir, que ainda dá despesa ao Estado...", afirmava António Bernardes. O sentimento replicava-se entre vários habitantes, e, nas cerimónias fúnebres, o padre tentou acalmar a revolta: "Não falemos de justiça humana, acredito na justiça divina", disse, sem deixar de ir ao encontro do sentimento

da população: "Há pessoas más, que não respeitam nada nem ninguém, e este é o grande perigo", sublinhou o padre, que durante a homilia também lembrou o guarda principal do posto da GNR de Aguiar da Beira, encontrado morto no mesmo local, com um tiro na cabeça. Ontem, a GNR também se fez representar no funeral de Luís Pinto. Na Igreja Paroquial de Palhais, que ontem foi pequena para acolher as centenas de populares, foi lida a mensagem de homena-

gem, lembrando a luta do casal para ter um filho. "Tu e a madrinha perderam a vida em busca do vosso maior sonho", leu, emocionado, o afilhado, Dany Domingues. "Cada sorriso, cada olhar, cada gesto teu serão recordados para sempre com muita saudade", disse, sobre o padrinho. Antes de arrancar uma salva de palmas e muitas lágrimas, concluiu: "Obrigado, campeão, foste um herói na Terra, serás um anjo no Céu".

SANDRA FERREIRA

ANEXO 9 – Direito de resposta da GNR;

CORRIDA SEXTA-FEIRA 14 OUTUBRO 2016

ATUALIDADE | 09

HOMENAGEM | COLEGAS RECORDAM

À mesma hora que Carlos Caetano era sepultado na terra natal, os colegas da GNR que estavam de serviço no resto do País fizeram uma homenagem simbólica. Pararam os carros-patrolha e acionaram as sirenes e luzes rotativas durante um minuto. O momento foi divulgado nas redes sociais.



LISBOA | ALERTA EM BENFICA A PSP DE LISBOA RECEBEU ONTEM DE MANHÃ UM ALERTA PARA O AVISTAMENTO DE PEDRO DIAS NA ZONA DE BENFICA. O FALSO ALERTA FOI RAPIDAMENTE DESPISTADO.

MORTÁGUA | RUMOR ASSUSTA POPULAÇÃO

Durante o dia de ontem surgiu o rumor de que Pedro Dias tinha sido avistado na zona de Mortágua, no sul do distrito de Viseu, o que levou os populares a contactar as autoridades. Esse mesmo rumor dava, ainda, conta de que o fugitivo poderia ter-se deslocado para uma localidade do concelho vizinho de Santa Comba Dão.



Queria invadir posto da GNR a tiro

Após ter baleado mortalmente o guarda Caetano, Pedro quis invadir a tiro o posto da GNR de Aguiar da Beira. Já com a vítima mortal na mala do carro-patrolha e com outro militar que sobreviveu sobre ameaça de arma de fogo, Pedro passou em frente ao posto. Questionou várias vezes o guarda que sequestrou sobre a rotina dos militares. Queria saber quantos militares da GNR estavam no posto, se ficavam sozinhos, quando era o



Aparato de socorro na zona onde Pedro Dias matou um militar e um civil a tiro

render da guarda. O militar, que está no hospital, não tem dúvidas de que o homem queria invadir o local a tiro. Conseguiu demovê-lo. Disse-lhe que o posto tinha videovigilância e que seria identificado.

A patrulha da GNR, recorde-se, abordou Pedro por estranhar

a presença deste, a noite, no interior de uma pick-up nas imediações de um hotel em construção. Um militar foi logo abalado, quando o outro ia pedir informações via rádio. Mais tarde também este foi baleado, assim como o casal Luis e Liliane. Ele morreu, ela luta pela vida.

• Cães pisteiros ajudaram militares nas buscas em várias aldeias de São Pedro do Sul
• GNR chegou a alargar as buscas pelo suspeito para a localidade de Tebilhão, em Arouca

INSPETORES DA PJ DA GUARDA NÃO PARAM

Os inspetores da Judiciária da Guarda, liderada por José Monteiro, não têm parado desde terça-feira. De dia e de noite procuram pistas que possam levar a capturar o duplo homicida.



DIREITO DE RESPOSTA

GNR esclarece notícia do CM

Recebemos ontem da GNR o seguinte direito de resposta: "A GNR desmente a notícia publicada pelo CM, que dá conta de que a "GNR dá ordem para matar", numa referência às ações de busca realizadas pelos militares da GNR para encontrar o principal suspeito dos crimes cometidos na zona de Aguiar da Beira. Apesar da gravidade dos factos ocorridos, tendo a instituição perdido um dos seus militares, em momento algum foi dada a ordem mencionada, uma vez que a utilização da força está devidamente definida na lei e

nos regulamentos e normas internas da própria instituição. A GNR é uma instituição que defende acima de tudo o estado de direito democrático do nosso país, pelo que toda a atividade da instituição e dos seus militares é regida pelo estrito cumprimento das leis da República Portuguesa. Lamentamos profundamente a notícia publicada, informando ainda que a instituição nunca foi contactada pelo OCS sobre este assunto". N.R. O CM reafirma a informação avançada ontem aos seus leitores.

CURSOS INDIVIDUAIS com certificado

cartas da maya

O Consultório

Consultas Presenciais LISBOA • PORTO Consultas Telefónicas

962 525 407 | 913 300 090 | cartasdamaya@gmail.com | www.cartasdamaya.pt | facebook.com/cartasdamaya.consultorio

ANEXO 10 – Notícia do JN do dia 14 de outubro;



Justiça

Crime em Aguiar da Beira

Internada Liliane Pinto em estado grave

Liliane Mara Pinto, de 26 anos, terá sido baleada por Pedro João Dias quando estava com o marido, mortalmente atingido durante o carjacking, continua internada no hospital de Viseu, em estado considerado muito grave.



Pesqueira Caso lembra "Palito", que andou 34 dias fugido

A caça ao homem que está a prolongar-se desde a madrugada de terça-feira e que chegou a mobilizar 200 militares da GNR nas serras entre Arouca e S. Pedro do Sul faz lembrar o caso de Manuel Baltazar, conhecido por "Palito", que conseguiu fugir às forças policiais durante 34 dias, escondido em montes e quintas de S. João da Pequeira. O homem, de 61 anos, matou um filho, em Valongo dos Azeitões, a sogra, uma tia e feriu com gravidade a ex-mulher e a filha. Também nessa altura se acreditava que "Palito" foi ajudado pela população para sobreviver tanto tempo nos montes, sem alimentação. Foi condenado à pena máxima, 25 anos de cadeia.

Arouca Suspeito esteve na segunda-feira na terra onde escapou à GNR

'Piloto' combinou comprar duas vitelas em Candal

Milene Marques justica@jn.pt

O suspeito dos homicídios de Aguiar da Beira, Pedro João Dias, tinha estado no Candal (S. Pedro do Sul) na passada segunda-feira, um dia antes de ali desaparecer nos montes, fugido às autoridades, depois dos crimes em Aguiar da Beira. Anteontem, prometeu voltar dois dias depois para comprar duas vitelas - regresso anunciado para o dia em que a GNR deu por findas as buscas para o encontrar. Depois dessa decisão das autoridades, nas povoações serranas de Candal e de Cabreiros (Arouca), a comunidade continua assustada, mas a normalidade está aos poucos a ser restabelecida.



GNR limita-se agora a patrulhar as aldeias de Candal e Cabreiros

Horas antes dos crimes, Pedro Dias cruzou-se na estrada do Candal com uma produtora de gado a quem tinha comprado duas vitelas há cerca de um ano. "Perguntou-me se tinha mais e combinou voltar na quarta-feira [anteontem] para efetuar o negócio", diz a mulher ao JN, não querendo ser identificada. "Só fizemos negócio uma vez, mas ele parecia ser uma pessoa normal, agradável", comenta. "Mais ninguém o conhece por aqui. Por isso, penso que nin-

guém o iria ajudar a fugir", afirmou ao JN.

"Lá perdeu a cabeça" Depois dos dois dias de caça ao homem na zona, por cerca de 200 militares, ontem, a presença da GNR já mal foi notada naquelas aldeias, limitando-se aparentemente a um mero patrulhamento. Também aos poucos, a rotina dos populares está a ser restaurada, ainda que com cuidados. "As pessoas ainda têm muito medo. Na quarta-feira, ficaram mais por casa, mas hoje [quin-

ta-feira] já se vê mais gente na rua. Eu só tirei os animais para perto. Hoje, já vou para o campo", diz Lúcia Santos, de Cabreiros.

"Enquanto ele não aparecer, não ficaremos tranquilos, mas temos de sair com os animais para comer", dizia a pastora Maria Martins, de Póvoa das Leiras (Candal), onde Pedro Dias foi visto a última vez. Na aldeia do Candal, Ana Pinho diz ter "ficado mais tranquila" quando soube quem era o foragido. "Dizem que é bom rapaz. Lá perdeu a cabeça", comenta.

o dia em Arouca



"Vendemos como habitualmente"

"Aqui está tudo calmo. As pessoas circulam normalmente e vendemos como habitualmente", afirmou Maria Santos, que operacionou a mercearia ambulante no Candal, como faz à quinta-



"Toda a gente faz a vida que fazia antes"

"Eu não o conhecia. Não sei como veio cá parar. Aqui, toda a gente faz a vida que fazia antes. Tem de ser. Hoje ainda nem vi nenhum GNR", dizia ontem, ao final da manhã, Maria Martins, enquanto pastava as cabras.



"Eu não saí da aldeia mantive a casa fechada"

"Os idosos, mais assustados, ainda ficam em casa. Algumas pessoas já tiraram os animais tarde. Eu não saí da aldeia mantive a casa fechada, vida continua", dizia Arperalta, enquanto cortava a erva.

Alertas de avistamento desde Vila Verde até Espanha



SUSPEITAS Depois do falso alarme de anteontem, de que o suspeito tinha sido avistado na Feira e em Montalegre, ontem foram vários os alertas dados às autoridades portuguesas e também espanholas sobre a presença de Pedro João Dias. Na freguesia de Ouriz Santa Marinha, em Vila Verde, onde foi visto um homem estranho, de bicicleta, o Destacamento de Intervenção, o Posto de Vila Verde e elementos do Núcleo de Investigação Criminal da GNR de Braga cercaram a zona, fi-

zaram buscas, mas ao fim de duas horas deram o trabalho terminado, concluindo falso alarme. Também ontem surgiram notícias de que o fugitivo partiu para Espanha. Teria sido avistado na zona de Salamanca, em Portugal, e depois da imprensa portuguesa ter divulgado fotos, a Polícia Judiciária, que tem a investigação, não enviou investigadores para as zonas de Salamanca e de Arouca.

JOAQUIM GOMES e MADEIRA FERREIRA

ANEXO 11 – Notícia do CM do dia 14 de outubro;

08 | ATUALIDADE

SEXTA-FEIRA 14 OUTUBRO 2016 CORREIO



ATUALIDADE II



BANHO DE SANGUE

ALERTAS | DE NORTE A SUL

Fonte da GNR revelou ontem, ao CM, que desde que as fotografias de Pedro Dias foram divulgadas têm surgido alertas de norte a sul do País. São muitas as pessoas que têm ligado para as autoridades a dar conta de que viram o suspeito, mas todos os avisamentos revelaram-se falsos.

CAÇA AO HOMEM



Homicida rouba carro na fuga em Espanha

CRIME Pedro Dias, 44 anos, fez carjacking e seguiu numa Renault Express cinzenta até Salamanca **OPERAÇÃO** Guardia Civil está a fazer bloqueios em várias estradas e a fiscalizar os aeródromos

TÂNIA LARANJO/LUÍS OLIVEIRA
Pedro Dias poderá ter fugido para Espanha poucas horas depois de ter sido avistado na terça-feira no lugar de Póvoa das Leiras, em São Pedro do Sul. Tudo indica que o homem teve ajuda de algum amigo que lhe forneceu um carro para atravessar a fronteira. Já em Espanha, Pedro, de 44 anos, roubou uma carrinha Renault Express cinzenta por carjacking, fugindo rumo a Salamanca. É esta a última localização obtida pela Judiciária, que em conjunto com a Guardia Civil tenta montar um cerco ao

fugitivo, armado e perigoso, mais procurado de Portugal. A Guardia Civil está a fazer bloqueios em diversas estradas para tentar localizar a carrinha roubada em que segue Pedro e **FAMILIARES E AMIGOS DIZEM QUE HOMEM TINHA MÁ RELAÇÃO COM A GNR** fiscaliza também os aeródromos situados nas imediações, atendendo a que o suspeito tem brevê de piloto e poderia alugar uma aeronave. As autoridades espanholas têm já um perfil detalhado de Pedro Dias. Sabem

que matou a sangue-frio o militar da GNR militar Carlos Caetano e Luís Pinto, baleando ainda a mulher deste, Liliane, e outro guarda de Aguiar da Beira. Ao mesmo tempo, em Arouca, outras equipas da Polícia Judiciária da Guarda fizeram durante o dia de ontem buscas à casa dos pais de Pedro Dias, às moradias de amigos e à quinta do homicida em Várzea, na vila de Arouca. O objetivo passou por limitar a ajuda que Pedro Dias está a receber e recolher informações sobre o passado do homem na África do Sul. A investigação da PJ conse-

guiu também já perceber junto de amigos e familiares que Pedro Dias tinha uma relação obsessiva com a GNR há cerca de dois anos, altura em que os militares lhe fizeram buscas na sua quinta em Várzea e apreenderam armas ilegais e animais exóticos. Desde então, o homem começou a acreditar que estava constantemente sob suspeita e que a GNR o andava a perseguir de forma injustificada. Pedro Dias chegou mesmo a dizer a pessoas próximas que estava farto dos militares. ●



1 Cerca de 200 militares da GNR estiveram no terreno durante mais de 24 horas
2 Pedro Dias, de 44 anos, matou duas pessoas a tiro. É considerado muito perigoso pelas autoridades

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL



ANEXO 12 – Primeira notícia do JN;

12 de outubro de 2016 **Jornal de Notícias**

Primeiro Plano



Crime em Aguiar da Beira



GNR avisa moradores que não abram a porta

Ao início da noite de ontem, a GNR emitiu um comunicado a alertar os moradores das aldeias de Candal, Póvoa das Leitas e Coelheira, na serra da Freita, a ficar em casa, a não abrir a porta a estranhos e a ligar para o 112 e para o 232 467 940 se vissem o suspeito.

triplo homicídio : GNR e homem morto a tiro e feridos dois guardas e uma mulher

1 3.50 HORAS
Aguiar da Beira
Quinta das Lameiras
Patrulha pede à sala de situação da GNR da Guarda dados sobre viatura suspeita. E deixa de dar sinal de vida.

7.25 HORAS
Militares da sala de situação da GNR estranham silêncio da patrulha e mandam guardas para o local onde a viatura (com sistema de georreferenciação) está parada.
Encontram Carlos Caetano, de 29 anos, morto, na mala do carro. Minutos depois encontram o outro GNR, também baleado mas com vida, algemado na zona industrial de Aguiar da Beira.

2 10 HORAS
A cinco quilómetros do local onde encontraram o carro da GNR, os militares seguem rasto de sangue na estrada e encontram um homem morto junto a uma mulher ferida a tiro, que luta pela vida no hospital. Terão sido vítimas de carjacking pelo suspeito de balear os dois GNR.

3 12.30 HORAS
Numa operação Stop, GNR identifica carro do suspeito que consegue fugir. Há troca de tiros entre eles e as autoridades.

4 13 HORAS
Um suspeito é identificado pela GNR, mas volta a fugir depois de ter baleado outro guarda. É lançada a caça ao homem, com helicóptero do GIDE naquela zona junto à serra da Freita. O suspeito reside em Arouca e é conhecido por "Piloto".

2 MORTOS
3 FERIDOS

Caça ao principal suspeito dos homicídios em Aguiar da Beira terminou na serra junto às aldeias de Candal, Póvoa das Leitas e Coelheira



Aguiar da Beira GNR morto com tiro na cabeça. Casal baleado quando ia a uma consulta a Coimbra

"Piloto" de Arouca suspeito de matança

Alexandre Panda, Sandra Ferreira e Madalena Ferreira
justica@jn.pt

Um militar da GNR morto, mais dois feridos e um casal (o homem morreu) de civis baleado. Terá sido tudo obra de um único suspeito, que até ao final do dia de ontem continuava a ser procurado por um forte dispositivo policial. Deixara a sua identificação no local do crime.

o que levou as autoridades a lançarem um alerta nacional para a sua identificação e captura. Logo foi feita a caça ao principal suspeito, tido como sendo Pedro João Dias, tido de 44 anos, de Arouca.
Tudo começou quando Carlos Caetano, de 29 anos, e António Ferreira, de 41 anos, militares da GNR de Aguiar da Beira, patrulhavam a cercania de um hotel em construção, na Quinta da Lameira.

Os militares, ao verem aproximar-se uma carrinha Toyota azul que levantou suspeita, mandaram-na parar. Segundo o JN apurou, o condutor saiu da viatura e disparou imediatamente sobre o guarda Carlos Caetano, que morreu logo ali com um tiro na cabeça.
Em ato contínuo, o suspeito de homicídio obrigou o outro guarda a transportar o colega para a bagageira do carro-patrulha e a con-

duzir a viatura até ao parque industrial da vila. Nesse local, onde veio a ser encontrado horas mais tarde, o agente sobrevivente foi algemado, baleado com um tiro no pescoço e deixado prostrado no chão. De seguida, o homicida assumiu o comando do carro da GNR, voltou ao local onde abateu Carlos Caetano e aí abandonou a viatura policial. Foi nessa altura que se dirigiu para a estrada na-

cional que liga Aguiar da Beira e Viseu (EN 229), onde passava um casal com cerca de 25 anos a caminho de uma consulta em Coimbra. Baleou o casal, a quem roubou o carro para fugir.
"Enquanto procurávamos provas no local onde foi encontrado o militar na bagageira do carro de patrulha, encontramos na mesma zona dois civis. O homem estava morto e a mulher gravemente fe-

ANEXO 13 – Primeira notícia do CM;

04 | ATUALIDADE

QUARTA-FEIRA 12 OUTUBRO 2016 CORREIO



TRIPLO HOMICÍDIO

MILITAR FERIDO | RECUPERA EM CASA
O militar da GNR que foi atingido com um disparo de caçadeira nas pernas em São Pedro do Sul foi assistido no Hospital de Viseu e recebeu alta. O sargento Marques, de 42 anos, foi surpreendido pelo fugitivo numa zona de mato, quando o cercava. O militar tombou para o solo mal viu a arma.

AGUIAR DA BEIRA

Furto de cobre acaba em

BANHO DE SANGUE

◊ Militar de 29 anos executado à traição, pelas costas, quando identificava suspeitos. O colega foi baleado na cabeça e amarrado

CARJACKING ◊ Na fuga, usaram carro-patrolha para fazer parar casal. Roubaram carro e mataram-no com arma da GNR



Pedro Dias, suspeito identificado, estava ontem à noite a ser procurado

HENRIQUE MACHADO / LUIS OLIVEIRA / TÁLIA LARANJO / JOAQUIM MARTINS

Quando a patrulha da GNR de Aguiar da Beira estava a identificar o grupo suspeito de furtar cobre e a pedir à central informações sobre as matrículas de duas carrinhas, às 05h45 de ontem, surgiu Pedro Dias por trás dos dois militares e executou um deles, Carlos Caetano, de 29 anos, à traição e com um tiro na cabeça. O atirador, piloto de aviação, estava ontem a ser procurado, depois de ter perdido a carteira no local do crime, com a carta de condução que o identifica. A PJ estava à noite a interrogar a namorada do suspeito e outro homem.

Depois de terem executado Carlos Caetano, obrigaram o outro militar, de 41 anos, a guiar o carro-patrolha com o colega na bagageira. E ao fim de 5 quilómetros, numa zona erma a 50 metros da EN229, junto a Quinta das Lameiras, entre Aguiar da Beira e Sátão, ordenaram à vítima que saísse do veículo da GNR e foram amarrá-la a uma árvore. Deram-lhe um tiro na cabeça.

Este militar da GNR está internado em estado estável, com um projétil alojado na zona da cervical. Sobreviveu, ao contrário do casal que ia a passar de



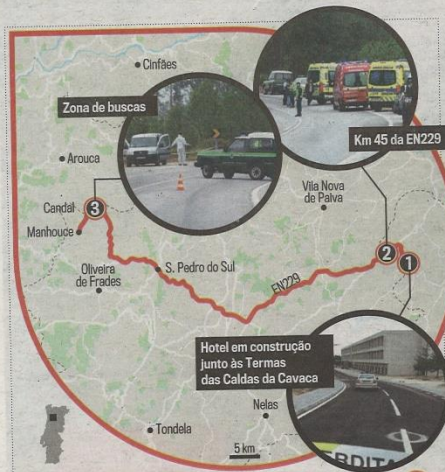
1

carro e foi mandado parar a seguir por Pedro Dias e cúmplices. Aí, sem contemplanções, atingiram o condutor e a passageira a tiro, na cabeça: ele teve morte imediata e ela perdeu a vida já no hospital.

O objetivo era roubar o carro do casal - Luís Pinto e Liliane Mara Pinto, de Trancoso - e para tal dispararam sobre as duas vítimas à queima-roupa, desta vez com as pistolas Glock de calibre 9 milímetros que tinham roubado aos militares.

Fugiram depois com as carrinhas, que usariam para carregar cobre furtado, e com o carro do casal - veículos entretanto encontrados - e começou a caça ao homem pelas 07h00, mal foi dado o alerta e a GNR encorrou, no carro-patrolha, a carta de condução do suspeito Pedro Dias. As buscas estenderam-se a Candal, Póvoa das Leiras Coelheira, em São Pedro do Sul. À tarde, Pedro Dias ainda atirou outro militar da GNR a tirar nas pernas, durante a fuga. ◊

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL CORREIO



HOMICIDA ESQUECEU-SE DA CARTA DE CONDUÇÃO NO LOCAL DO CRIME

CRONOLOGIA

1

SUSPEITOS DE FURTO

Dois militares da GNR do posto de Aguiar da Beira patrulham zona junto às obras de construção de hotel perto das Termas das Caldas da Cavaca quando se deparam com suspeitos de furto de cobre

2

MILITAR EXECUTADO

Militares identificam suspeitos e estão a pedir informações à central sobre duas carrinhas, às 05h45, quando um deles, Carlos Caetano, é executado com um tiro na cabeça. O atirador terá sido Pedro Dias

3

GNR FERIDO E AMARRADO

O grupo força o outro militar a colocar o colega atingido na bagageira do carro-patrolha e a conduzir cinco quilómetros. Depois o condutor é retirado do veículo, amarrado a uma árvore e atingido a tiro

4

CASAL ABATIDO

Casal da zona de Trancoso é apanhado no sítio errado, na EN229, à hora errada. Pedro Dias e cúmplices atravessam o carro da GNR na estrada e forçam as vítimas a parar. Abatem-nas a tiro

5

CARTA DE CONDUÇÃO

O objetivo do grupo era roubar o carro das vítimas, mortas com disparos feltos pelas armas tiradas aos militares. Fugiram, mas Pedro Dias esqueceu-se da sua carta de condução no carro da GNR

6

CAÇA AO HOMEM

A caça ao homem estendeu-se ontem à tarde e pela noite dentro às localidades de Candal, Póvoa das Leiras e Coelheira, em São Pedro do Sul. Na fuga, atingiram outro militar da GNR nas pernas

ANEXO 14 – Primeira notícia do *Público*,

12 • Público • Quinta-feira, 13 de Outubro de 2016

SOCIEDADE

O medo saiu à rua e no Candal ninguém lhe ficou indiferente

De noite muitos habitantes da aldeia do Candal dormiram inquietos. De manhã a GNR entrou em várias casas. O medo atravessa todas as conversas

Reportagem Mariana Oliveira

Não fosse um suspeito de homicídio andar à solta e o milho de Celina Silva, 46 anos, já estaria desfolhado. Era isso que a agricultora tinha planeado fazer anteontem à tarde quando foi aconselhada pela GNR a trancar portas e janelas e a manter-se em casa. Mesmo assim ainda deu um salto à eira que possui do outro lado da aldeia. Mas não sozinha. “Fui só com a minha mãe fechar a porta do palheiro”, explica ao PÚBLICO a habitante da aldeia do Candal, em São Pedro do Sul. E a experiência valeu-lhe um susto valente.

Um tiro que soou na encosta, provavelmente da própria GNR,

segunda-feira passada. Sangrar, explica-nos, quer dizer retirar do lagar para as tulhas, onde o néctar é armazenado. Nas mãos e nas galochas das duas são visíveis a olho nu os vestígios da tarefa.

Benta conta que tinha ido colher umas couves para a sopa, perto do meio-dia, quando viu um indivíduo passar numa *pick-up* azul. “Ele até nos saudou”, sublinha.

Só já depois do almoço, quando a GNR começou a perguntar por uma viatura com aquela descrição é que percebeu que tinha visto o suspeito que a GNR e a PJ tentam apanhar a todo o custo, sem sucesso. Ontem o aparato das carrinhas, jipes e carros caracterizados da GNR contrastava com o silêncio da Serra da Freita, pintada de preto pelos incêndios do Verão. Numa zona isolada do interior do país, não ajudava a



Apêndices

Tiragem de dados: Análise de Peças do caso do Pedro Dias

Período de análise: de 12/10/2016 a 9/11/2016 (29 dias)

Público: 3 notícias nos 29 dias - 26 dias sem notícias

Jornal de Notícias: 19 notícias - 10 dias sem notícias

Correio da Manhã: 22 notícias - 7 dias sem notícia

Quantidade de notícias com destaque de capa

Público: 3 notícias de conteúdo: 1 com chamada de capa

Jornal de Notícias: 19 notícias de conteúdo: 11 com chamada de capa

Correio da Manhã: 22 notícias: 19 com chamada de capa

Títulos das Notícias:

Público:

13/10/2016 - O medo saiu à rua e no Candal ninguém lhe ficou indiferente. (Reportagem de duas páginas, 12 e 13, sem chamada de capa).

20/10/2016 - GNR revista quinta atrás de Pedro João Dias (Notícia de rodapé sem chamada de capa).

9/11/2016 - Pedro Dias entregou-se à polícia e diz que é inocente. (Notícia com chamada de capa).

Jornal de Notícias:

12/10/2016 - Terror na Aldeia (Reportagem de 4 páginas).

13/10/2016 - Mulher ajuda piloto sem saber dos crimes

14/10/2016 - Piloto queria ir ao posto matar outro GNR/ Piloto e combinou comprar duas vitelas em Candal.

15/10/2016 - Piloto já foi condenado por agredir a ex-mulher/ Padre acalmou revolta no funeral de Luís.

16/10/2017 - Psiquiatra classificou “Piloto” como sociopata.

17/10/2016 - Piloto sequestra casal e volta a escapar à GNR.

18/10/2016 - Mulher luta com piloto e escapa a morte certa.

19/10/2016 - Medo de desiludir e perder filha leva piloto a matar.

20/10/2016 - Pediu a ex. para lhe servir de álibi.

21/10/2016- Governo e polícias negam, mas há atrito entre PJ e GNR.

22/10/2016 - “Piloto” telefonou à filha durante a fuga.

24/10/2016 - Investigado cinco vezes antes dos homicídios.

25/10/2016 - “Piloto” pode estar em fuga num jipe.

26/10/2016 - Usou caderno da GNR para dar pistas falsas.

28/10/2016 - PJ teme fuga muito demorada de “Piloto”.

29/10/2016 - Pais de Piloto vão “disputar neta”.

30/10/2016 - Deixou de vigiar hotel após crimes.

1/11/2016 - Até na Dinamarca “Piloto” foi visto.

9/11/2016 - “Piloto” entrega-se em direto com medo de ser abatido.

Correio da Manhã:

12/10/2016 - Furto de cobre acaba em chacina a tiro / O meu filho morreu a fazer o que gostava/ Caça ao fugitivo armado e com treino militar/ GNR pede à população que se feche em casa.

13/10/2016 - Ordem para matar / Militares cercam aldeias e vigiam todos os carros/O meu irmão não é um monstro/ Avisei-te tantas vezes para não ires, meu filho / Aldeias chocadas com azar do casal.

14/10/2016 - Notícia com chamada de capa, pág. 8 a 11: Homicida rouba carro na fuga em Espanha / Queria invadir posto da GNR a tiro/ Na sociedade mata-se por dá cá esta palha/ Meu rico filho, não merecias este fim.

15/10/2016 -**Banho de Sangue na Beira: Falta de documentos trava fuga para África / Emoção no funeral de vítima inocente / Abalado por ver colega morto” / Assaltaram no dia do massacre.**

17/10/2016 - **Assassino descoberto em casa desabitada / Amarra com lençol e exige dinheiro.**

18/10/2016 -**Caça ao homem em Vila Real, Homicida em fuga há uma semana.**

19/10/2016 - **Aeródromos vigiados para travar fuga / Cabine telefónica e casa alvo das perícias da PJ.**

20/10/2016 -**Queremos que tudo isto acabe / Operação de cobertura com cerco a homicida.**

21/10/2016 - **Homicida em fuga rouba caçador/ Pais vistos na casa paroquial/ Superpolícia deixa caso em roda livre / Empresário teme chegada de homicida.**

22/10/2016 -**Investidas cirúrgicas para capturar homicida.**

23/10/2016 - **Rasto de sangue em casa assaltada / Luta com homicida depois de ser baleada.**

25/10/2016 - **Rouba Jipe em quinta para procurar ajuda / Pormenores.**

26/10/2016 - **GNR teve homicida na mira de tiro da G3.**

27/10/2016 - **Homicida passa fronteira, Pedro Dias visto na Galiza.**

28/10/2016 - **PJ perde o rasto a duplo homicida.**

29/10/2016 - **“Buscas já quase não são visíveis”.**

31/10/2016 - **Família Recusa ajudar polícia: pai, mãe e irmã não deram ADN à judiciária.**

1/11/2016 - **Estradas vigiadas pela polícia.**

2/11/2016 - **Família e amigos têm contas vigiadas pela PJ.**

3/11/2016 - **Pedro Dias poderá regressar a Arouca: autoridades vigiam contas bancárias e telefonemas.**

4/11/2016 - Populares temem duplo homicida: Pedro Dias continua em parte incerta e a assustar populações.

9/11/2016- Entreguei-me para não ser morto “ / Agora o pesadelo acabou.